

A man with dark hair and a beard, wearing a dark suit, white shirt, and blue tie, is smiling and carrying a baby in a black carrier. The baby has curly hair and is looking towards the camera. The background is a blurred office interior with large windows.

A secretária,
O CHEFE
e o Bebê

SÉRIE CHEFE & BEBÊ - LIVRO 3

MARTA VIANNA







A secretária,
O CHEFE
e o Bebê

SÉRIE CHEFE & BEBÊ - LIVRO 3

MARTA VIANNA

A secretária,
O CHEFE
e o Bebê

SÉRIE CHEFE & BEBÊ - LIVRO 3

MARTAVIANNA

Copyright © 2021 de MARTA VIANNA

Capa: Laís Maria

Revisão: Mariana Rocha

Diagramação Digital: Vivvy Keury

1ª Edição

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados. Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do e-book. Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Primeira edição, 2021

SUMÁRIO

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[EPÍLOGO](#)

[CONFIRA OS OUTROS DA SÉRIE CHEFE & BEBÊ](#)

[LIVRO 1 – Eu, meu chefe e o bebê \(SARA ESTER\)](#)

[LIVRO 2 – A amiga, o chefe e o bebê \(VIVY KEURY\)](#)

[AGRADECIMENTOS:](#)

[CONFIRA MEUS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS:](#)

[REDES SOCIAIS:](#)



SINOPSE

DALTON GLOVER é CEO da rede de joalharias Imperium Glover. Um homem sério e implacável nos negócios. Sendo extremamente discreto, tanto com relação a empresa quanto à sua vida pessoal, não mantém nenhum relacionamento e, mesmo sem motivos aparentes, não passa pela sua cabeça ser pai.

Sua vida é dedicada exclusivamente ao trabalho, contudo, em um dia inesperado, ele terá sua vida virada de cabeça para baixo... um bebê é deixado em sua empresa, deixando-o confuso.

LETÍCIA ALCÂNTARA é uma mulher simples e batalhadora, que carrega uma profunda tristeza dentro de si. No passado, sofreu uma perda dolorosa e isso fez o seu mundo desmoronar. Se não bastasse, acabou se divorciando e mudou de cidade, indo atrás de uma vida nova.

Um bebê precisando de amor, carinho e proteção.

Uma aproximação repentina...

Eles serão capazes de resistir à tentação um do outro?



PRÓLOGO

DALTON GLOVER

Olhei no relógio e já era quase duas horas da tarde. A inauguração de mais uma filial da joalheria Imperium Glover seria em uma hora, levei o copo de uísque até os lábios e em um gole só tomei o líquido âmbar sentindo o gosto descer queimando a minha garganta. Olhei para a grande pintura que ficava na parede do meu escritório e me aproximei mais da arte. Quando eu tinha doze anos, o meu avô me deu de presente, era uma imagem que retratava eu, ele e a minha avó, o desenho foi feito por um artista de rua na nossa última viagem para o Estados Unidos. Ele me disse, no dia em que estava pendurando o quadro na parede, que um dia seria apenas eu, e que era para eu seguir firme, levar o nome das joalherias aos quatro canto do mundo. E que, em seu país de origem, ele queria ser conhecido, ainda não abri uma loja nos

Estados Unidos, mas este era um dos desejos que pretendia realizar ainda em vida.

Estava aguardando a hora exata para ir à coletiva de imprensa para falar de mais uma inauguração. Ainda permanecia em casa e já estava quase de saída, mandei mensagem para o motorista deixar o carro pronto, pois, em cinco minutos, iríamos sair.

Saí do meu escritório e fui até o meu quarto, olhei mais uma vez o meu reflexo no espelho, arrumei a minha gravata, coloquei as abotoaduras na camisa, em seguida, peguei o meu celular e o coloquei no bolso, ajeitei o meu cabelo e mais uma vez lembrei que tenho que ir cortá-los.

Fiquei mais uns instantes me observando e saí; depois da morte do meu avô, decidimos nos mudar, eu e a minha avó resolvemos ir para uma cobertura no centro da cidade de Belo Jardim, era mais perto da empresa, cerca de vinte minutos, antes morávamos em uma casa com um jardim enorme, mas a minha avó Adele pediu para que nos mudássemos.

Fui criado por eles desde os meus cinco anos de idade, pois os meus pais morreram em um acidente de helicóptero, os meus avós são americanos e vieram para o Brasil como imigrantes; meu avô Thomas abriu uma pequena joalheria no bairro onde morávamos, o negócio deu muito certo, pois, depois de um ano, ele abriu mais uma joalheria e, ao longo de quinze anos, ao todo, temos seis lojas, a sexta loja será inaugurada ainda hoje, no Shopping

Oriental. Meu avô foi um homem destemido, que não media esforços para conquistar tudo o que temos hoje. Desde muito novo ele já me aconselhava e me dizia que um dia seria eu a comandar tudo. E hoje cuido de tudo o que ele conquistou com muito amor e dedicação.

Parei em frente à porta do quarto da minha avó Adele, dei duas batidas e abri a porta em seguida, e logo ela apareceu toda sorridente, ela já estava com setenta e oitos anos, mas não deixava de me acompanhar nos eventos da empresa. Seus cabelos estavam perfeitamente penteados e amarrados em um coque muito bonito por sinal, uma maquiagem leve cobria o seu rosto, ela era muito vaidosa, não gostava de aparecer em público sem maquiagem, ela usava um vestido de festa azul, que combinava perfeitamente com a cor dos seus olhos.

Agradei a Celeste, a acompanhante dela, que sorriu. Por mais que a minha avó tivesse reclamado no começo por eu ter contratado uma acompanhante para ela, agora ela e Celeste se dão muito bem. Celeste também irá conosco, pois certamente eu vou ter que conversar com várias pessoas e irei passar a metade da inauguração ocupado. Tenho certeza de que alguns empresários irão tentar me falar sobre sociedades e assuntos relacionados ao meio empresarial, os mesmos assuntos de sempre.

— Nossa, a senhora está linda. Aposto que será a acompanhante mais elegante do evento — falei, beijando o seu rosto. — E muito cheirosa —

completei.

— Desde pequeno você é um *gentleman*, puxou ao seu avô, ele sempre me enchia de elogios quando íamos aos eventos. Você está parecendo um príncipe, um verdadeiro príncipe dos diamantes — completou, me fazendo sorrir.

Entrelacei as nossas mãos e saímos para fora da casa para entrar no carro. Jairo abriu a porta do carro para a minha avó e eu a ajudei, colocando o cinto de segurança nela, depois Celeste entrou, em seguida entrei, me sentando no banco da frente, verificando o meu celular que vibrou com uma mensagem.

Chegamos ao evento e, ao sair do carro, me deparei com muitos repórteres e fotógrafos do lado de fora, me aguardando descer do carro. Os seguranças se puseram ao nosso redor quando abri a porta para a minha vó e Celeste saírem. Acenei para a pequena multidão que estava do lado de fora.

Entrelacei o meu braço no da minha avó, parei para umas fotos e entrei sendo direcionado para dentro do shopping. Ao entrar na loja, fomos levados para nos sentar nas primeiras poltronas que estavam reservadas para nós. Deixei a minha avó e fui cumprimentar algumas pessoas, fiquei observando o local e estava todo arrumado com uma pequena passarela onde várias modelos iriam desfilas usando algumas peças das joias. Um dos fotógrafos

me seguia tirando fotos, o evento estava lotado, jornalistas estavam parados em frente ao palco, no qual logo eu iria discursar.

Havia vários convidados presentes e, em meio a eles, estava o Alessandro Rocha, dono da rede de lojas Mundo das Noivas. Tínhamos uma parceria firmada, onde fazíamos troca de indicações. Geralmente a gente o recomendava a todos os clientes que frequentavam as nossas lojas, mesmo que não estivessem à procura, afinal de contas, podia não servir para a pessoa em questão, mas, sabendo sobre a existência do seu negócio, chegaria a passar para outra pessoa que necessitasse de indicação.

Estava observando tudo quando, de repente, o meu olhar não passou despercebido e parei, admirando uma bela morena que usava um conjunto de diamantes, seus cabelos negros e olhos verdes me chamaram bastante atenção, observei as suas costas nuas em um belo vestido longo que tinha uma fenda que mostrava a metade da sua coxa. Gostei bastante do que vi e queria ver o resto, logo vi a minha secretária, dona Carmem, a chamei disfarçadamente e ela veio na minha direção.

— Pois não, senhor—falou ao chegar perto de mim.

— Está com a relação dos nomes das modelos que irão desfilarem hoje para a nossa marca?—Ela me mostrou a agenda virtual e afirmou que sim.— Aquela modelo que está usando o conjunto de diamantes, quando a inauguração terminar, quero que você a leve até o apartamento que eu

mantenho para negócios.—Não esperei a sua confirmação e fui saindo, peguei uma taça de champanhe e tomei dando uma última olhada na modelo.

Meu nome foi chamado e fui falar sobre a inauguração. Peguei o microfone olhei para as pessoas que estavam presentes no evento, lembrei do meu avô e senti falta dele. Nesses eventos, ele sempre me dava apoio. *Flashes* e mais *flashes* eram disparados na minha direção. Isso não me abalava de forma alguma, eu já estava acostumado.

— Boa tarde, como bem sabem, sou Dalton Glover, e hoje é mais uma inauguração de mais uma loja do Grupo Imperium Glover. Confesso que estou muito orgulhoso, pois, durante anos, o meu avô, Thomas Glover, lutou para que um dia fôssemos reconhecidos no mercado empresarial, e hoje somos o número um. Nossas joias são exportadas para vários países, não tem como não deixar de prestar esta homenagem a ele, ao criador de tudo, as modelos irão desfilarem com algumas peças que estarão à venda. Meu agradecimento à minha avó Adele, ao meu avô Thomas que, de alguma forma, está presente em nosso meio. Brindamos ao sucesso!

Após erguer a taça de champanhe e brindar com todos, o desfile começou, me sentei ao lado da minha avó, segurei a sua mão e levei aos lábios, beijando, ela sorriu com os olhos emocionados, tenho certeza de que estava pensando no meu avô, assim como eu estava também. Ela sentia muita falta dele, eu fazia de tudo para suprir a ausência dele, mas era impossível. A

modelo que usava as peças de diamantes parou perto de nós, ela me olhou e virou de costas, desfilando, não pude deixar de sorrir.

Após o desfile, ordenei ao Jairo, o motorista, para levar a minha avó e a Celeste para casa. Após me despedir da minha avó, dona Carmem veio na minha direção dizendo que a modelo já estava indo ao apartamento com um dos seguranças.

Antes que mais alguém me chamasse, saí entrando no carro com o meu segurança particular dirigindo. Após chegar ao condomínio, saí do carro, entrando no elevador, despachei o segurança. Peguei a chave e abri a porta, assim que entrei, vi a modelo de costas, contemplando a vista, ela ainda estava com o mesmo vestido. Ao notar a minha presença, se virou, seus lábios carnudos estavam pintados de vermelho, ela passou a língua em seguida e sorriu, caminhando na minha direção.

— Então, é assim que funciona? Você escolha uma e manda a sua secretária cuidar do resto?—Ouvi a sua pergunta e fui até o bar, aproveitei e tirei gravata seguida do smoking, suspendi a manga da camisa social até o cotovelo, puxando de dentro da calça social, servi o uísque em dois copos, peguei e fui em sua direção, entreguei um copo para ela, que pegou, bebendo quase toda a bebida. Ela se sentou ao meu lado no sofá.

— Às vezes, eu escolho mais de uma, e nem sempre a minha secretária resolve—falei, tomando toda a bebida de uma vez só.—Pelo que percebi,

você também se interessou por mim, pois ficou a metade do desfile me olhando. E, quando comecei a discursar, até parou para ficar prestando atenção no que eu falava—disse, tomando o restante da bebida.

— Confesso que fiquei encantada com a sua desenvoltura ao falar com tanto afinho da sua empresa e do seu avô. Pelo pouco que vi, você ama o que faz—confirma, se levantando do sofá e pegando o copo da minha mão, colocando em cima da mesinha; ao voltar, se sentou no meu colo, abrindo as pernas, a fenda do seu vestido se abriu mais, mostrando o restante da sua coxa. Passei a mão, alisando a sua pele macia.

Começamos a nos beijar, era um beijo faminto, a bela morena, que eu ainda não tinha perguntado o seu nome, chupava a minha língua, me arrancando gemidos. Meu pau começou ficar duro, e ela começou a esfregar a sua boceta nele. Puxei o seu cabelo e comecei a lamber a sua pele cheirosa, deixando pequenas mordidas.

Suas mãos começaram a desabotoar os botões da minha camisa. Seus olhos verdes foram para o meu peito e abdômen, ela baixou mais a cabeça e começou a lamber. A fiz descer do meu colo, estendendo a mão para ela e, sem titubear, ela segurou na minha, a levei para a suíte, tirando a minha camisa, tirei, em seguida, o sapato e a minha calça e fiquei apenas de boxer, a morena me observava, eu não era muito de preliminares, mas hoje eu estava com tempo e vontade.

Fui na direção dela, virando-a de costas, as minhas mãos desceram passeando até chegar em seu bumbum empinado, devagar comecei a me esfregar nela, suspendi o vestido e tirei a peça, revelando-a totalmente nua, ela não usava nenhuma peça íntima. Fiquei pensando se, no desfile, ela estava sem a calcinha também. Afastei o seu cabelo e comecei a beijar a sua pele, ela se remexia, deixando o meu pau mais duro.

Fiz com que ela se abaixasse mais e fui lambendo a sua pele. Desci a minha boxer, indo até a cômoda, abri a gaveta e peguei um preservativo, rasguei o envelope e vesti o meu pau, a morena se deitou na cama toda aberta para mim, me deitei e encaixei dentro dela, totalmente encharcada. Tomei o seu lábio, beijando enquanto investia duro e forte dentro dela. A bela mulher se remexia, levantei-a e a pus de quatro, novamente meti dentro dela, os gemidos da mulher começaram a ficar mais alto, ela gozou, e logo em seguida fui eu, senti o meu gozo melar todo dentro dela. Tirei o pau para fora, constatando que o preservativo tinha estourado. Bufei, mostrando a ela o pequeno acidente, que logo começou a se desesperar.

— Precisamos ir à farmácia comprar a pílula do dia seguinte, meu Deus, eu não posso, à essa altura da minha vida, ter um bebê. Eu sou modelo contratada por uma agência séria, e estou com viagem marcada para desfilar. Eu não tomo nenhum anticoncepcional—disse, pegando o seu vestido e seguindo para o banheiro.

Ouvi o chuveiro sendo ligado, também resolvi tomar um banho. Fiquei pensando no seu desespero. Nunca tinha presenciado nada parecido. Com certeza ela não quer filhos, eu também não, então é melhor nos apressarmos para ir à farmácia.

Após sair do banho, liguei para Jairo vir me buscar. Já vestidos, ficamos o aguardando, assim que recebi a mensagem que ele já tinha chegado, descemos.

Jairo estava encostado ao carro e, ao nos ver, abriu a porta para a moça, que, à propósito, perguntei o seu nome. Kyara sonhava com uma carreira no exterior. Confesso, ela era linda e tinha todo o potencial para ser uma modelo reconhecida.

Era linda e sabia se expressar muito bem. Me contou que pretende morar fora e conquistar os seus sonhos. Chegamos na farmácia, desci do carro e entrei com ela no local. Peguei uma garrafa d'água, bebi um gole e entreguei o resto para Kyara beber com a pílula, assim que ela tomou, me ofereci para a deixá-la na sua casa. Ela aceitou e seguimos conversando, chamei para ela sair comigo no próximo final de semana, mas ela me disse que iria embarcar para Milão em dois dias, uma pena. Desejei sucesso na sua carreira e que, quando ela estivesse no Brasil, poderia me procurar, dei o meu cartão a ela.

Assim que o carro parou em frente ao endereço que ela falou, Kyara se preparou para descer, mas fui mais rápido, a puxei para o meu colo e dei um beijo em seus lábios carnudos. Desejei boa sorte em sua viagem e com a carreira dela. Observei-a saindo do carro e, por um instante, me peguei preocupado pelo pequeno incidente que havia acontecido. Suspirei ao passar a mão pelo rosto, tentando tirar isso da minha mente. Ela tomou a pílula e isso deveria me deixar tranquilo, não apreensivo como me encontrava. Enfim, tínhamos tido um sexo maravilhoso e amanhã seria outro dia. Nada como ir para a minha casa, tomar um bom banho relaxante e dormir uma noite tranquila. Pela manhã, esses pensamentos, com toda a certeza, não estariam mais presentes em minha cabeça.



CAPÍTULO 1

DALTON GLOVER

UM ANO E OITO MESES DEPOIS...

Me despedi da minha avó e entrei no meu carro, deixando a minha pasta no banco do carona e afivelando o cinto de segurança. Hoje iria dirigindo para a empresa, pois Jairo iria levar minha avó e Celeste na missa, elas gostavam de ir pela manhã. Hoje estava completando dois anos que o meu avô Thomas nos deixou, ela foi tentar marcar uma missa com o padre Firmino. Me disse que nesse dia eu teria que desmarcar qualquer compromisso que tivesse. É claro que eu faria isso, a última palavra é dela, e eu tenho muito respeito por ela.

Entre no estacionamento da empresa, estacionei o carro e desci seguindo para o elevador, que abriu e um senhor saiu, me cumprimentando. Entrei apertando o décimo andar; ao chegar, a grande porta se abriu e saí me

deparando com a mesa da secretária sem ninguém. Estranho, dona Carmem passou uma semana treinando a nova secretária que iria lhe substituir, pois ela se aposentaria. No dia da entrevista, eu não pude comparecer, pois tinha viajado a negócios, e Juan, o diretor-executivo, tratou de tudo junto ao RH sobre a contratação da nova secretária. Durante o treinamento, vi a moça umas três vezes, mas estava muito ocupado que não gravei o seu rosto. Fui caminhando para a minha sala, pois tenho uma reunião em meia hora, tirei o meu celular do bolso, já que ele tocava insistentemente, era um número desconhecido, resolvi não atender naquele momento.

Não sei quando e nem como, mas esbarrei em alguém, fazendo os papéis que ela estava segurando se espalharem todos pelo chão.

Mas que porra era isso? Pensei e olhei para a mulher que já estava de joelhos recolhendo os papéis espalhados. Bufe e contei até cinco, sim, até cinco, porque todos os dias as minhas contagens diminuem.

— Perdão, senhor.—A voz dela saiu baixa. Após ela recolher todos os papéis, se levantou, me olhando.

— Como é o seu nome mesmo?—Não sei o que houve, mesmo eu sendo um chefe exigente, não esbravejei com a moça de corpo curvilíneo e cabelos castanhos, me olhando com os grandes olhos claros e seu rosto mais branco que papel.

— Letícia Alcântara, sou a sua nova secretária, senhor. Estive durante a semana toda sendo treinada, e agora é o meu primeiro dia como sua secretária oficial. Tinha ido até a sala de xerox, fazer algumas cópias dos papéis para a reunião de logo mais—disse, e notei o seu nervosismo.

— Então, senhorita Letícia, deve prestar mais atenção para não sair esbarrando nas pessoas. Espero que a sala de reunião já esteja pronta. Venha até a minha sala, me passar os compromissos de hoje.

Saí de sua presença e novamente o meu celular começou a tocar. Assim que me sentei, duas batidas na porta foram dadas. Logo a minha secretária entrou.

— Com licença, senhor, trouxe café e água—avisou, deixando a bandeja em cima da mesa que ficava no canto da sala.

— Hoje, às nove horas, o senhor tem reunião com os designers para a escolha das peças da nova coleção de joias para o próximo lançamento. Às treze horas, um almoço com os fornecedores de matéria prima. Por hoje é só. Se o senhor me der licença, vou para a minha mesa.—Balancei a cabeça pedindo para ela sair. Fui até a mesa e peguei o copo d'água, tomando um pouco.

Às nove horas, saí da minha sala, entrando na sala de reuniões. Ao abrir a porta, a minha secretária já tinha deixado tudo pronto, águas, sucos e

cafés já estavam servidos. Os designers já estavam sentados à minha espera, e Juan também. Cumprimentei todos dando bom-dia, e me sentei na cadeira, esperando um deles para começar a discursão sobre o design das peças. Natália, uma das designers responsáveis, se levantou e começou a falar, após abrir uma maleta, contando algumas peças da coleção de joias da Imperium.

— Pela base nas pesquisas dos mercados sobre os modelos das joias, e dias fabricando, chegamos a alguns modelos. Como o senhor nos deu total liberdade para criar algo que a maioria dos clientes pede nas pesquisas, baseada na nossa reunião passada e com as amostras aprovadas, chegamos à conclusão. Por serem peças que remetem a uma aparência mais natural, as joias com design orgânico carregam uma aparência mais leve. Os acessórios podem não ser pequenos, mas não deixam de ser delicados, diversificando as possibilidades ao compormos um look com essas peças; as mais pedidas foram braceletes com cristais transparentes, outros com Swarovski, escapulários de ouro, e anéis com pedras de diamantes, e as delicadas gargantilhas com pingentes dourados. E aqui está o resultado.

Após ela terminar sua demonstração, me levantei e fui para mais perto das joias. Fiquei fascinado com a criação, com certeza a nova coleção seria um sucesso. Juan também se levantou e aplaudiu o excelente trabalho da equipe.

— O conjunto todo está aprovadíssimo. Todos estão de parabéns— assim que terminei de falar, a minha secretária, toda sem jeito, olhou para mim e falou:

— Senhor, me desculpe por estar atrapalhando a reunião, mas tem uma mulher bastante nervosa na recepção, querendo falar com o senhor. Eu já disse que agora o senhor está em reunião, mas ela insiste.

— Qual o assunto?—perguntei firme, pois uma coisa que odeio é ser interrompido quando estou fazendo algo.

— Ela não quis falar. Disse que é um assunto pessoal.

Quando fui falar com a minha secretária que, se a mulher não estivesse agendado uma hora comigo, poderia dispensá-la, só vi o momento em que a minha secretária foi empurrada para o lado e uma jovem segurando um bebê no colo passou pela porta. Seu rosto era familiar, mas eu não me recordava do seu nome. Fiquei olhando para ela, confuso, tentando me lembrar de algo.

— Precisamos conversar, Dalton, agora—disse, me olhando assustada.

Pedi licença à equipe e disse para Juan terminar a reunião, já estava tudo decidido. Passei pela minha secretária, estendi a mão, indicando para a mulher me acompanhar até a minha sala. O bebê começou a chorar. Assim que entramos, fui direto.

— Espero que tenha um bom motivo para invadir a minha empresa e me interromper na sala de reunião. Não sei você, mas eu trabalho e levo muito a sério.—Ela tirou uma bolsa de criança dos ombros e jogou em cima a cadeira.

— O bom motivo está aqui em meus braços.—Ela caminhou na minha direção e me entregou o bebê, que, na hora, parou de chorar, levando a mão até a minha gravata, colocando na boca e babando todo o tecido. Sem entender, olhei para ela, pedindo uma explicação. Segurei firme a criança, que não parava quieta, puxando a gravata.

— Há um ano e oito meses, a pílula do dia seguinte falhou. Eu estava com a minha vida profissional realizada, tinha desfiles em Mônaco, Itália, dentre outros países. Era a estrela principal de várias marcas e desmaiei no meio de um desfile. Me levaram a emergência e descobri que estava grávida de quase quatro meses, eu não tive sintomas de enjoos. Tive mal-estar e muita fome apenas, e a barriga só veio crescer depois dos cinco meses. Mas acreditava ser por causa da vida corrida que estava levando. Foi um baque muito grande descobrir a gravidez morando sozinha em um país desconhecido. Não quis tirar a criança, o meu pensamento era ter o bebê e dar para adoção. Mas também não tive coragem. Desempregada, não tive como vir ao Brasil quando o bebê nasceu. E perdi o seu cartão. Quando consegui o número do seu celular, você não me atendia. Então, decidi vir

pessoalmente lhe entregar a sua filha, que tem onze meses e se chama Lis. Eu tentei de todas as formas amar a maternidade, amar a minha filha, mas não consegui. E novamente terei outra chance agora, fui contratada para uma campanha de marcas de roupas. E Lis irá atrapalhar todos os meus planos se ficar comigo. Ficarei no Brasil somente três dias, podemos ir ao cartório para que você seja reconhecido como pai e que ela tenha o seu sobrenome. Posso passar a guarda permanente também. Eu não vim até o Brasil para requerer pensão, nem te ameaçar. Vim para entregar a sua filha. Tenho certeza de que ela será mais amada estando com você do que comigo. O número do meu celular está na agenda da Lis, caso queira me contatar para resolver as papeladas, lá está anotado também todos os remédios que ela precisa tomar, pois ela está gripada e com a garganta inflamada. Ao chegar no Brasil, ela não se adaptou ao clima.—Só depois de toda a explicação, me lembrei que ela era a modelo com quem transei e a camisinha estourou. Depois de tudo que disse, ela saiu pela porta sem ao menos olhar para a filha.

Com o bebê no colo, andei depressa atrás dela, com certeza uma oferta muito alta em dinheiro faria mudar de ideia e levaria a criança com ela novamente. Letícia, assim que me viu, se levantou, então aproveitei e entreguei a criança em seus braços, ela segurou a criança, confusa. Como o elevador custou chegar, desci as escadas apressadamente.

Ao avistar Kyara acenando para um táxi, corri e ainda a alcancei. Toquei no seu ombro, ela se virou assustada; quando percebeu que era eu, pediu ao taxista para aguardar um pouco.

— Então é assim? Entra na minha empresa, atrapalha uma reunião importante e simplesmente abandona uma criança em meus braços? Como posso ter certeza de que ela é minha filha?

Ela me olhou sério e disse:

— Você tem dúvidas ainda? Ela é a sua cara, mas você pode fazer o exame de DNA. Como eu disse, fico no Brasil três dias. E outra, eu não estou abandonando, ao contrário, estou deixando-a com o pai. Eu cuidei dela quase um ano. Eu nunca quis isso, eu aguentei por muito tempo, já que, quando descobri a gravidez, não quis interromper. Tenho certeza de que você se sairá muito bem no papel de pai. Não adianta querer me fazer qualquer oferta. Eu não quero o seu dinheiro. Quero ser livre, sem nenhuma criança no meu caminho.—Suas palavras soaram frias.

Ela terminou de falar e entrou no carro. Derrotado, voltei para a empresa sem saber o que fazer com aquela criança.



CAPÍTULO 2

LETÍCIA ALCÂNTARA

Com a criança chorando em meu colo e sem saber o que fazer com ela, segui para a sala do meu chefe. Antes de ele me entregar o bebê e sair sem me dizer nada, eu já estava na minha mesa, checando os e-mails para passar para a agenda. Ao abrir a porta da sala, me deparei com a sua bolsa, com certeza dentro devia ter água, ou suco, talvez a chupeta que a fizesse parar com o choro. Fiquei alisando as suas costas quando ela deitou a cabecinha em meu ombro, notei que ela estava quente, seu nariz estava escorrendo, percebi que ela estava gripada. Por que a mãe dela foi embora? Oh, meu Deus, como deixa uma criança dessa maneira, ainda por cima doente. Meu coração ficou pequenininho só de imaginar o sofrimento dela sentindo a falta da mãe.

— Não chora, bebê, a sua mamãe já deve estar vindo. Quer água?—
Peguei a mamadeira dentro da bolsa e dei para ela, que começou a beber,

seus olhinhos azuis me avaliavam e ela virava o beijo querendo chorar. Tirei uma toalha de rosto de cor rosa, e estava escrito *Lis* em pontos de bordado. Limpei o seu nariz, ela me olhou com os olhinhos vermelhos pelo choro e balbuciou: *mama*.

Ela estava sentindo falta da mãe. Ela é uma criança linda e dá para perceber que é muito bem-cuidada, tem os cabelos enroladinhos e a pele branca, já deve ter quase um ano, olhando bem de perto, ela se parece muito com o meu chefe. Será que ela é filha dele? Lis deitou a cabeça no meu peito e dormiu. Não me mexi, pois ela poderia acordar e começar a chorar novamente.

Minutos depois a porta da sala abriu, e meu chefe entrou por ela. Ele não disse nada, ficou de costas, olhando para a vista do lado de fora do escritório. Eu também não disse nada, nem me atrevi a perguntar sobre a criança. E, por falar nela, ela acordou chorando, chamando pela mãe. Dalton se virou e ficou olhando para a criança, ela estendeu os braços na direção dele. Mas ele não saiu do lugar, ao contrário, tirou o celular do bolso e começou a ligar para alguém. Antes de ele falar alguma coisa, me levantei e disse:

— Cadê a moça que estava com você?—Ele continuou sem dizer nada.

— A fralda da criança tem que trocar, está cheia. Ela não pode ficar com a fralda nesse estado, senão vai se assar.—Suas feições era de que não

estava entendendo nada. Bufe para o seu silêncio.

Peguei a bolsa da criança assim que a deitei no sofá. Tirei os produtos de higiene de dentro, uma fralda nova, deixei tudo perto enquanto tirava a fralda suja. Ela tinha feito cocô, subiu um cheirinho forte, precisava do lenço umedecido.

— Preciso que o senhor pegue o lenço para limpar ela.—Olhei para o meu chefe, que estava com a cara de nojo. Parece que nunca fez as necessidades na vida. Ele tirou um bocado de lenço e me entregou, torcendo o nariz para o lado.

— Uma criatura tão pequena é capaz de fazer esse estrago todo?—Quis sorrir da sua pergunta, mas me controlei. Depois de limpar Lis, coloquei-a sentada e peguei um brinquedo de dentro da bolsa, dando para ela brincar. E me levantei.

— Vou para a minha mesa, senhor—falei e já ia saindo quando a sua voz grave me fez parar.

—Ainda não.—Olhei para ele, que ficou analisando o que iria me dizer.

—Escute, senhorita Letícia, eu não sei o que fazer com essa criança. Percebi que você entende das necessidades de um bebê. Você tem filhos?—sua pergunta me deixou incomodada, mas não deixei transparecer.

— Não, senhor. Mas já trabalhei como babá para pagar o curso de secretariado.—Ele ficou pensativo e o seu telefone começou a tocar. Ele apontou para a criança, e eu entendi que eu deveria ficar de olho nela.

— Palhares, quero que venha até o meu escritório, tenho um assunto muito importante para tratar com você. Não, isso é para agora. Não importa o que você esteja fazendo, só venha ao escritório, estou te aguardando.

O silêncio foi interrompido com o choro da pequena, ela esfregava os olhinhos, não me contive e a peguei no colo, a sua febre tinha aumentado.

— Ela está com febre, se não tiver um termômetro dentro da bolsa, acho que o senhor precisar levá-la na emergência de um hospital pediátrico. —Enquanto balançava a criança em meu colo, o meu chefe procurava o aparelho, assim que achou, falei para ele pôr debaixo do braço da criança. Poucos minutos, o aparelho apitou, indicando trinta e oito graus de febre.

— Nessa agenda está escrito qual o remédio que ela deve tomar, a mãe dela disse que ela adoeceu quando chegou ao Brasil. Aqui está escrito que ela tem que tomar o antitérmico; caso tenha febre, a posologia também está anotada, tem esse xarope. Vou colocar a quantidade certa no copinho.— Segurei bem a criança no meu colo, enquanto Dalton tentava fazer com que ela tomasse, assim que colocou o remédio na boquinha, ela cuspiu o líquido todo na cara dele. Eu tive vontade de gargalhar, mas precisava desse

emprego.—Acho melhor o senhor se sentar com ela em seu colo, e eu dou o remédio, é melhor, já fiz isso muitas vezes.

Dalton sentou e coloquei a pequena em seu colo, que logo pôs a mão na sua gravata. Como ela estava distraída mexendo no tecido, peguei a seringa e derramei o remédio dentro da sua boca e fechei um pouquinho, fazendo com que ela engolisse todo o líquido. Ela fez uma careta, mas não cuspiu, aproveitei e dei o xarope de sabor morango.

Uma batida na porta, e logo um senhor de cabelos grisalhos entrou e ficou observando.

— Não tinha ninguém na recepção, então vim direto. Atrapalho alguma coisa?—Fiquei no meu canto, parada.

— Não atrapalha em nada, Palhares. Por favor, senhorita Letícia, pode ficar com a Lis enquanto eu vou para a sala de reunião tratar de um assunto com o meu advogado? — Sua voz era mansa, concordei, e os dois saíram da sala.

Lis mexeu na bolsa e pegou um copo de iogurte, peguei o copo de sua mão, tirei a embalagem, peguei a colherzinha da bolsa e comecei a dar para ela. Ela comia e jogava as mãos para cima como dissesse que estava muito bom, sorri para ela.

As crianças são os seres mais puros desse mundo, não tem nem meia hora que ela está comigo, e já está interagindo, confiando em mim. Assim que acabou de tomar o iogurte, limpei a sua boquinha e lhe dei a chupeta. Deitei-a novamente no sofá, ela dormiu. Fiquei olhando aquele bebê indefeso dormindo, tantas mulheres por aí querendo ser mãe e não podem. O que será que aconteceu com a mãe dela? Será que ela vai voltar depois?



CAPÍTULO 3

DALTON GLOVER

Retornei para empresa após tentar fazer com que Kyara mudasse de ideia e ficasse com a criança, nem argumentei sobre o valor, pois ela já foi logo dizendo que não queria dinheiro, queria mesmo se livrar da filha. O elevador abriu as portas e saí, vi a mesa da secretária vazia e constatei que ela teria ido para a sala com a criança. Ao abrir a porta, me deparei com a pequena dormindo. Não tive reação de nada, não falei e nem consegui explicar nada.

A minha intuição naquele momento era ligar para o Palhares, o meu advogado, queria saber se eu poderia entrar com um pedido de exames de DNA, faríamos o exame em laboratório particular, não precisaríamos ir até o local, marcaria na minha casa. Aproveitei que a minha secretária tinha muito jeito com crianças e pedi que ela ficasse por mais um momento com o bebê.

Após Palhares chegar, fomos até a sala de reunião, não queria que a criança começasse a chorar. Entrei na sala de reunião e fiquei pensando como entrar nesse assunto. O meu advogado ficou me esperando falar.

— Aquela criança, que está na minha sala aos cuidados da minha secretária, pode ser minha filha. Há quase dois anos, conheci uma modelo, transamos, claro, a camisinha estourou, ela se desesperou e fomos à farmácia comprar a pílula, ela tomou, eu vi. Pelo desespero dela, ela não queria ser mãe. Anos se passaram, ela volta e deixa o bebê na minha empresa. E diz que está disposta a fazer DNA, não quer dinheiro. Pelo que ela deu a entender, a criança é um fardo para ela. Eu realmente não sei o que fazer.—Palhares se levantou e ficou pensando, ele é meu advogado há mais de dez anos, tenho total confiança nele.

— Você quer essa criança?—Palhares me olhou sério.

Fiquei analisando a sua pergunta, nunca quis ser pai, nunca nem convivi com uma criança antes. Sempre fui só, era muito difícil eu ter contato com outras crianças na minha infância. Mesmo eu não querendo ser pai, eu não posso deixar aquela criança sozinha.

— Seu eu não quiser, o que vai acontecer com ela? Digo com o bebê.
—Palhares começou a me explicar.

— Ela corre o risco de ir para um abrigo. Você não quer, a mãe também não. Mesmo ela tendo parentes, o mais viável é ir para um abrigo para ser adotada.

— A criança nasceu na Itália, a mãe mora lá; pelo pouco que eu soube, não tem parentes no Brasil. Ela me disse que fica somente três dias aqui. Eu estou disposto a fazer o exame de DNA, depois da confirmação, quero incluir o meu nome na certidão de nascimento. Eu não sei se estou fazendo a coisa certa, mas, nesse momento, é o que eu sinto.—O meu advogado balançou a cabeça em afirmação.

— Primeira coisa a se fazer é o exame de DNA em um laboratório particular. O resultado sendo positivo vamos ao cartório para reconhecimento da paternidade, incluir o seu sobrenome na certidão de nascimento da criança e os nomes dos seus pais como avós paternos. Se você não quer proceder pela justiça, nós podemos fazer extrajudicialmente, vou redigir um acordo, ambos assinam, e depois a gente submete à homologação judicial. O acordo, farei no escritório, aí entramos na justiça para o juiz homologar, havendo acordo de guarda entre os pais, é mais rápido de resolver.—Analisei tudo o que Palhares me disse, decidi que faria o certo.

— Pode cuidar de tudo, a coleta pode ser na minha casa, não quero que o caso saia em jornais, quero sigilo absoluto, entrarei em contato com a mãe da criança e passarei para ela o que farei, com certeza ela irá assinar o que

tiver que assinar. Quando tudo estiver pronto, me avise—disse, saindo da sala. Palhares me acompanhou. Nos despedimos, ele foi na direção do elevador, e eu fui para a minha sala.

Cheguei perto da porta e fiquei por um breve momento escutando a musiquinha que a minha secretária estava cantando para a garotinha.

*A dona aranha subiu pela parede veio a chuva forte
e a derrubou.*

*Já passou a chuva e o sol já vai surgindo
E a dona aranha continua a subir.*

Lis gritava, querendo cantar a música que saía pelo celular da minha secretária. Abri a porta e a cena que vi foi a minha secretária dançando segurando a mão da pequena, que sorria encantada. Ela estava com roupas trocadas e cheirosa, tinha tomado banho, o vestido da Letícia estava com alguns pingos d'água. Esbocei um pequeno sorriso, mas disfarcei, fechando a cara. Quando Lis me viu, me chamou com a mãozinha. Letícia desligou a música do celular. Lis se sentou no chão e tentou se levantar, dando três passinhos, e caiu fazendo manha. Letícia, toda protetora, a pegou do chão, a pequena deitou a cabeça em seu ombro, abrindo a boca. Olhei no meu relógio e já passava das cinco horas da tarde. Teria que explicar a minha avó sobre a

possível bisneta dela, uma coisa, ela teria razão, sempre me dizia que não queria morrer antes que eu desse um neto para ela.

— Bom, o seu expediente já acabou. Antes da senhorita ir para a sua casa, quero lhe agradecer pela ajuda com a pequena. Já conversei com o meu advogado e logo as coisas irão se ajeitar.—Seus olhos claros me avaliaram, notei que ela queria fazer mais perguntas, dei abertura para ela.

— A mãe dela não vai mais voltar? Ela é sua filha? Claro que deve ser, ela á a sua cara.—Meu coração pulsou com força dentro do peito ao ouvir que a criança se parecia comigo.

— Não, a mãe dela não quer ela. Ao que tudo indica, ela é a minha filha. Já conversei com o meu advogado, ele vai cuidar de tudo. No momento, não sei o que fazer, não tenho babá, moro com a minha avó, e ela tem quase oitenta anos.—Ela ficou séria.

— Como pode ela não quer a própria filha? — disse espantada e me encarou, aguardando uma resposta.

Passei minhas mãos pelo rosto, ainda confuso com toda aquela situação inesperada e respondi:

— Eu também não sei — fui sincero.

— Bom, se o senhor quiser... se o senhor quiser, posso lhe ajudar até o senhor contratar uma babá.—Confesso que suas palavras me trouxeram certo alívio. Já estava desesperado, sem saber como cuidaria da criança essa noite.

— Não vou dar um de orgulhoso. Preciso sim da sua ajuda e, por alguma razão desconhecida, parece que ela gostou de você — salientei, e Letícia esboçou um riso carinhoso, direcionando seu olhar para a pequena. Vendo o modo amoroso com o qual a encarava, decidi lhe questionar: — Será que não poderia ir para a minha casa hoje? — Letícia fechou o semblante em dúvida. — Eu nunca cuidei de uma criança antes e... admito que estou me sentindo desesperado. Então, se não puder ir, vou entender, até porque, não é sua profissão, porém, estou disposto a pagar o necessário para me ajudar, ao menos por esta noite — expliquei de uma vez.

Letícia não demorou a me dar uma resposta e ousou dizer que jamais ansiei tanto por uma:

— Eu posso sim. Mas antes quero passar em minha casa para pegar roupas limpas.

Quase caí de joelhos agradecendo aos céus. Letícia não tinha noção do quanto me fez feliz com o que disse. Daria uma boa recompensa pela sua ajuda.



CAPÍTULO 4

LETÍCIA ALCÂNTARA

Eu não poderia me negar em ajudar uma criança nesse momento, tenho certeza de que o meu chefe contratará uma pessoa que cuide dela com tanto amor e dedicação, mas por hoje não negaria ao seu pedido. A garotinha é uma graça e esperta, se apegou a mim tão depressa, mas quando vê o Dalton, ela se derrete toda, eu não a culpo, o jeito ogro dele é irresistível. Ainda mais quando esboça um meio-sorriso.

Quando recebi o e-mail sobre ter sido contratada para ser a sua secretária, no começo eu fiquei receosa, porque eu já tinha ouvido falar, enquanto era treinada, que ele era uma pessoa fria, não tolerava muita coisa. Não gosta de atrasos e nem de ser interrompido, eu pensei que, depois que aquela moça atrapalhou a reunião, ele viria para cima de mim, mas isso não aconteceu.

Antes de saímos da empresa, o meu chefe ligou para o motorista para ele comprar uma cadeirinha para colocar no carro, meu coração se aqueceu por saber que ele está sendo muito cuidadoso com Lis. Antes de irmos para a sua casa, passamos no supermercado, compramos fraldas, produtos de higiene para bebês, mamadeiras, chupetas, uma cadeira para ela fazer as refeições, pois está na hora de ela aprender a comer sozinha, já está com quase um ano, e compramos alguns brinquedos para ela se entreter; Lis não se cansava, ela ficava prestando atenção em tudo. As pessoas no supermercado ficavam nos olhando, acho que elas pensavam que éramos uma família e, por um breve momento, me permiti pensar dessa forma.

Dalton me pediu para escolher algumas comidas que uma criança de onze meses era acostumada a comer, peguei iogurte, o mesmo que ela tomou lá na empresa, sucos sem conservantes, algumas frutas, e uma massa para mingau, ela já deve comer comidas, mas sempre quando os bebês vão dormir, preferem tomar leite ou mingau. Peguei uns potinhos de papinha para ver se ela gosta. Fomos ao caixa e Dalton pagou tudo, a atendente ficou olhando para ele toda boba, ele segurava Lis nos braços e a pequena travessa babava toda a gravata dele colocando na boca.

Após o motorista colocar as compras no porta-malas do carro, Dalton colocou Lis em sua cadeirinha, ela já estava bocejando, esfregando os olhinhos, me sentei ao seu lado e Dalton fechou a porta, sentando-se no banco

da frente. Falei o meu endereço para o motorista e, em menos de dez minutos, o carro estacionava em frente à casa onde eu morava, eu alugava um quarto nos fundos.

Alguns vizinhos me viram sair do carro preto de marca cara e começaram a cochichar. Eu estava morando aqui tinha dois meses e não tinha feito amizades com ninguém. Abri o portão e fui até o quarto, abri a porta e fui até o pequeno guarda-roupa, pegando um vestido, uma camisola, duas peças de lingerie e a minha escova de dentes. Coloquei tudo dentro de uma bolsa e saí. Ao retornar para o carro, Jairo estava parado do lado de fora, quando me viu, abriu a porta, entrei e seguimos para a casa do meu chefe. Lis já estava dormindo, tadinha, ela devia estar cansada, a vida dela hoje foi muito movimentada.

Pouco tempo depois, o carro entrava em um condomínio luxuoso na parte da cidade onde só os ricos moravam. A cancela subiu e Jairo entrou no condomínio, poucos minutos depois estacionou o carro em um estacionamento privado, que tinha mais cinco carro de luxo. Meu chefe desceu e tirou a pequena dorminhoca da cadeirinha, ele não tinha jeito nenhum para carregá-la.

Lis abriu os olhos e começou a olhar espantada para nós, os seus olhinhos ficaram úmidos, ela iria chorar. Mas não chorou, deitou a cabeça no

ombro do Dalton, entramos no elevador e chegamos na cobertura, eu estava muito nervosa, não sei o que a sua avó acharia disso tudo.

Ao entrar no apartamento, só não abri a boca porque já era demais, mas fiquei encantada com a decoração do lugar, era tudo muito lindo, as grandes janelas deixavam o local todo iluminado. De repente uma senhora muito simpática entrou na sala. Ela ficou olhando para mim sem entender nada, eu segurava a bolsa de bebê da Lis, e Jairo, as compras. Dalton estava com bebê em seus braços.

— Boa noite, vovó. Eu sei em que está pensando. Assim que eu instalar as duas no quarto de hóspedes e tomar um banho, eu lhe explico tudo. Esta moça é a minha secretária, a senhorita Letícia, e a criança é Lis. Esta é a minha avó Adele—Dalton disse para a avó, ela olhou para mim e abriu um sorriso contente, eu não sei o que ela estava pensando, com certeza devia estar imaginando que eu teria tido uma filha com o seu neto.

— Boa noite, minha querida, podem ir lá para o quarto, fique à vontade. Qualquer coisa, chame o meu neto, ele que resolve tudo nesta casa—ela disse se sentando na poltrona.

Pedi licença e acompanhei Dalton, que me encaminhou para um quarto de hóspedes, deitou Lis na cama e me disse que, assim que terminasse de conversar com a avó voltaria. Ele iria logo falar com ela, pois ela não o deixaria dormir se não falasse o que está acontecendo.

Disse-me que era para eu tomar um banho que logo iríamos jantar. Colocou os brinquedos no canto do quarto, as fraldas em cima da cama, pedi para ele mandar fazer um mingau que, assim que a criança acordasse, ela iria sentir fome. Ele assentiu e saiu do quarto. Fiquei olhando tudo, era um quarto enorme, uma cama grande, um guarda-roupa, peguei os pacotes das fraldas e fui arrumar tudo no guarda-roupa, tirei as poucas roupas da Lis de dentro da bolsa e coloquei ali também, tirei o sapato que ela estava usando, a meia, ela se mexeu, mas não acordou, continuou dormindo, chupando a chupeta. Depois que acabei de arrumar tudo, fui tomar um banho; dentro do banheiro, tinha praticamente uma farmácia com produtos higiênicos, fiquei admirada com a quantidade de coisas, toalhas imensas limpas e cheirosas.

Depois do banho, me enrolei na toalha e voltei para o quarto, pois tinha esquecido a minha roupa, eu não iria colocar uma camisola para depois ir jantar, resolvi pôr o mesmo vestido; depois que fosse dormir, colocaria a camisola. Assim que peguei a minha calcinha dentro da bolsa, a porta abriu, Dalton entrou, mas parou no meio do quarto ao me ver de toalha. Minhas bochechas coraram, ele ficou me olhando. Pedi desculpas e disse que, assim que eu terminasse de vestir uma roupa, ele voltaria. Eu nunca tinha visto o meu chefe de bermuda e sandálias, os cabelos molhados, e com uma camisa de algodão normal. Ele parecia outra pessoa, desfiz o pensamento com o meu chefe e fui vestir a minha roupa.



CAPÍTULO 5

DALTON GLOVER

Depois que deixei Letícia e Lis no quarto de hóspedes, fui para o meu quarto tomar um banho, mas antes passei no bar e coloquei um pouco de uísque no copo e duas pedras de gelo, balancei o copo para a bebida gelar mais rápido e tomei em um único gole.

Hoje o dia tinha sido difícil, confesso que ainda estou digerindo tudo isso. Será que eu serei capaz de cuidar de uma criança? Algo dentro de mim diz que ela é a minha filha, mas o medo que eu tenho de não ser o suficiente para ela me deixa angustiado.

Depois do banho, coloquei uma camisa de algodão, uma bermuda e calcei as minhas sandálias. Cheguei na sala e a minha avó assistia à novela com Celeste. Dei boa-noite, um beijo em seu rosto e a chamei para o meu escritório. Ajudei a se levantar e segurei em seu braço, ajudando a caminhar.

Contei toda a história para a minha avó, que ouviu tudo sem me interromper. A minha avó era uma mulher educada e sempre ouvia a história toda antes de dar opinião. Quando ela e o meu avô conversavam, era assim. Só depois de ele contar a história toda que ela falava, dizia onde ele estava errado e o que era preciso para reverter a situação.

— Essa criança é sua filha sem dúvida nenhuma, Dalton. Ela é você todinha quando era criança, os cabelos encaracolados e os olhos azuis, fora as mãozinhas gordinhas dela, eu sei que o DNA nesse momento é necessário, mas eu não quero que você duvide que esse anjo inocente tenha seu sangue. Eu não vou aqui fazer o papel de juíza e condenar essa moça que deu à luz a essa criança encantadora, há mulheres que não nasceram para a maternidade, olha o meu caso. Deus me deu somente a sua mãe, mas ele a levou quando você tinha apenas cinco anos, me deixando a missão de lhe encaminhar na vida. Eu tenho certeza de que, nessa missão, eu não falhei. Você é um homem íntegro, um excelente profissional, às vezes é chato, tem muitas manias estranhas, mas tem um coração enorme. Esse bebê, a partir de agora, é a sua missão na vida, você deve amá-la e protegê-la, ela não tem culpa de vir a este mundo, você e a mãe que a trouxeram, se a mãe não quer, queira você. Agora me leve para conhecer a minha bisneta—falou com autoridade, parou um momento e continuou:—Essa sua secretária é um anjo; outra, no lugar dela, não faria a metade que ela fez e está fazendo por você e a sua filha,

então, seja gentil com ela no trabalho, vou me certificar todos os dias se você foi gentil. Amanhã mesmo vou ligar para o decorador, o Douglas, para decorar o quarto de hóspedes e transformar em um quarto de princesa, minha bisneta terá tudo do bom e do melhor—minha avó Adele disse depois me dar um abraço e um beijo.

Sáímos do escritório, minha avó foi pedir para pôr a mesa do jantar, eu fui até o quarto, falar com Letícia. Abri a porta e me surpreendi com ela apenas de toalha e os cabelos soltos, não tive como evitar, olhei para ela, medindo da cabeça aos pés. E só parei porque ela percebeu, me desculpei e saí do quarto, retornando depois com ela já vestida. Letícia usava o mesmo vestido, mas os cabelos ainda estavam soltos. Antes, não tinha reparado, mas ela é muito bonita. Olhei para Lis, ela continuava dormindo.

— A minha avó já está sabendo de tudo. Vou trazê-la para conhecer a bisneta, pois ela me disse que tem certeza de que a garotinha aí é a minha filha. Depois iremos jantar, eu espero que ela continue dormindo e não chore pela madrugada, pois dizem que os bebês acordam para mamar.—Letícia me ouvia atentamente, percebi que ela tinha arrumado tudo no quarto.

— Ela vai acordar sim, pois nem comeu direito, e tem a troca da fralda, não pode ficar por muito com fralda usada—Letícia falava, e eu ficava prestando atenção em tudo.

Uma batida na porta e a minha avó entrou com Celeste; pelo sorriso das duas, elas estavam achando linda a pequena dorminhoca.

— Me diz se não é a cara do Dalton, Celeste? Eu trouxe o álbum de fotos de quando ele era bebê. Está vendo aqui, olha como são idênticos.—Ela mostrou uma foto minha, dormindo sem roupas.

— Tinha que ser justamente a que eu estou pelado, vovó?—Elas sorriram, percebi que Letícia estava olhando todas as fotos atentamente, assim que ela ergueu os olhos, seu olhar foi direto para o meu e ficamos por um breve momento nos encarando, até que um chorinho foi ouvido e nossos olhares se desviaram para Lis, que se sentou na cama.

Minha avó se aproximou e se sentou ao seu lado, a pequena olhava atentamente para ela. Fiquei admirado porque ela não chorou, mas os seus olhinhos procuravam a Letícia.

— Tão linda e tão bem cuidada. Como você está, coisinha linda? Eu sou a sua bisavó, avó do seu papai. Não se preocupe que aqui ninguém vai te abandonar, você será muito feliz, meu amor—disse, beijando o rosto de Lis, que colocou a mão no seu colar de pérolas. Letícia ajudou, tirando a mãozinha dela antes que a pequena puxasse com força.

— Vamos jantar, já pedi a Nazaré para pôr a mesa—minha avó avisou, enquanto eu a ajudava a se levantar.

— Vou só trocar a fralda da Lis—Letícia comentou, minha avó passou por ela e alisou o seu braço.

— Ajude-a, Dalton, vai logo aprendendo a trocar fraldas, Letícia não estará sempre por perto.—Ela alisou o meu rosto e saiu com Celeste.

— Sua avó é um amor de pessoa, tão elegante e sábia. Me fez lembrar da minha, que agora é um anjo. Vem, vamos trocar a fralda dessa garotinha antes que ela comece a chorar.

Letícia estava me ensinando a colocar a fralda, mas a pequena não parava, balançava as pernas, gritava. Ela ficou procurando a minha gravata. Colei o velcro da fralda, coloquei Liz em pé na cama, arrumei o seu vestido, e fomos jantar. Ao chegar na sala de jantar, me deparei com a cadeirinha, onde as crianças faziam a refeição, já na mesa. Sorrindo, coloquei Lis na cadeirinha, acho que ela já usava antes, pois não reclamou, ao contrário, sorriu. Pedi a Nazaré para trazer a papinha dela. Coloquei a sua cadeirinha entre a minha cadeira e a da Letícia, enquanto comíamos dávamos a papinha e ela fazia a maior bagunça, tomando o suco em seu copinho. Fiquei observando todos na mesa; antes, os nossos jantares não eram tão animados assim. Agora, ríamos dos gritos que Lis dava, da sua boca suja de papa e de sua roupa molhada pelo suco. Suspirei, me sentindo feliz por poder vivenciar esses pequenos momentos.



CAPÍTULO 6

LETÍCIA ALCÂNTARA

Lis não conseguia dormir direito e sempre acordava chorando pela madrugada. Ela chamava pela mãe e isso fazia meu coração doer. Dalton resolveu ficar com ela no quarto também, ele tentava fazer ela dormir, balançando em seus braços. Como não tinha nenhum mingau pronto, decidi ir fazer um pouco para ver se a pequena dormia; ela devia estar acostumada a comer por essa hora.

— Acho melhor eu ir preparar um pouco de mingau para ela. Onde é a cozinha?—Dalton pegou Lis no colo.

— Deixa que eu vou com você. Assim, eu aprendo como se faz um mingau—disse, e saímos do quarto.

Ao chegar na cozinha, Dalton, que tinha pegado a cadeirinha de Lis na sala, colocou-a sentada, dando a chupeta para ela. As latas com as misturas estavam em cima do balcão, pedi a Dalton que pegasse uma vasilha onde pudesse esquentar uma água, ele franziu a testa, tenho certeza de que ele não sabia onde ficavam as panelas. Ele foi abrindo todos os armários e finalmente encontrou. Depois que a água esquentou, coloquei um pouco de massa na mamadeira e um pouco de leite, em seguida, despejei um pouco da água dentro da mamadeira e balancei. Dalton estava atento a tudo e disposto a aprender.

— Ergue a sua mão—pedi. Confuso, ele ergueu a mão na minha direção. Coloquei um pouco do mingau na mão dele e perguntei se estava quente.

— Está morno, apenas—respondeu, ainda com a mão erguida; sorri da sua falta de jeito.

— Agora prove para ver se está bom.—Ainda me olhando, levou a mão até a boca, sugando todo o mingau, fazendo uma careta engraçada. Sorri, balançando a cabeça.

— Está bom, não sei como ela gosta, mas deve estar bom—disse, me olhando sem graça.

Dalton ficou me encarando, a cozinha estava iluminada com um pouco de luz apenas, os seus olhos azuis chegavam a brilhar. Ele estendeu a mão na direção do meu rosto, fiquei nervosa com a sua ação, mas percebi que ele estava limpando uma pequena quantidade de mingau que tinha respingado no meu rosto enquanto eu chacoalhava a mamadeira.

— Sujou um pouco o seu rosto—falou, se virando e pegando Lis da cadeirinha, pois ela começou a gritar, chamando a nossa atenção. Peguei a mamadeira e fomos para o quarto.

Chegando no quarto, Dalton se sentou com Lis em seu colo, ela se deitou, dei a mamadeira para ele e o instruí como deveria fazer. Aos poucos, ele foi aprendendo, fiquei observando-o e sua filha. Os dois estavam criando uma conexão entre pai e filha. Ele me olhava, querendo saber se estava fazendo direito. Peguei a sua mão e pus ao lado do corpo de Lis, ele tinha que segurar com força; caso ela tentasse rolar para o lado, não cairia. Com o movimento, tive que baixar mais o corpo, Dalton ergueu o olhar na minha direção, fiquei nervosa, e saí de perto, observando de longe ele dar mamadeira para a filha.

Lis pegou no sono, Dalton a deitou na cama, ela se mexeu e ele ficou batendo de leve em suas costas. Não sei por quanto tempo ele ficou no quarto, pois adormeci.



Acordei com o barulho que Lis fazia, ela estava sentada na cama me observando, tomei um susto; eu e Dalton estávamos dormindo um perto do outro quando despertamos. Sem graça, ele se levantou; esse homem até acordando é bonito. Seus olhos completamente azuis olharam para a garotinha, que abria a boca, bocejando e erguendo as mãos para ele.

— Vou providenciar o café da manhã, para ela, mando fazer o quê?— perguntou um pouco sem jeito, apontando para Lis.

— Ontem trouxemos cereais, aveia. Pede para amassar uma banana e pôr uma colher de cada, um suco de laranja e algumas frutas cortadas em pedaços pequenos, ela pode comer isso pela manhã. Vou encher a banheira, aí já aproveito e tomo banho com ela, pois estamos quase em cima da hora para ir para a empresa.—Ele me olhou e ergueu a sobrancelha.

— Hoje vou trabalhar de casa, vou pedir a Jairo para levar você à empresa. Vou ligar para o Juan ficar responsável hoje. Reunião ou algo que eu tenha que decidir, pode cancelar. Vou ligar para algumas agências para contratar uma babá—disse, saindo. Eu e Lis ficamos olhando para ele saindo pela porta. Peguei a pequena no colo.

— Vou morrer de saudades de você, pequena. Espero que a sua babá cuide muito bem de você, vou dar um jeito de sempre vir te visitar. Agora vamos tomar banho, pois esse cheirinho que está vindo da sua fralda está impossível.—Ela gritou, discordando.

Após o banho, arrumei Lis, eu já estava vestida e pronta para ir trabalhar. Calcei o meu sapato, preendi o meu cabelo, deixei a pequena sentada na cama, abri a minha bolsa, peguei a minha maquiagem e passei um pouco no rosto, um pouco de batom nos lábios, um pouco de perfume. Calcei o tênis da Lis e saímos do quarto, segurei a mão dela, ela já dava alguns passinhos, só faltava perder o medo.

Na mesa do café, todos estavam sentados nos esperando. Dona Adele pediu que eu levasse Lis até ela. Ela pegou a mãozinha da neta e a abençoou, beijando em seguida. Sentei-a em sua cadeirinha, Nazaré começou a dar o café da manhã dela, Dalton ainda estava no escritório, supus, pois ele não estava na mesa, me sentei ao lado de dona Adele, ela sorriu, pegando na minha mão. Ela era uma senhora tão fina, se portava tão bem na mesa; nos eventos da empresa, devia sempre ser o centro das atenções. Logo Dalton chegou, ele pôs a mão na cabeça da Lis, fazendo carinho e rindo do pequeno coque que eu tinha feito em seus cabelos.

Depois do café, me despedi da Lis, de dona Adele e saí, indo encontrar Jairo no estacionamento. Dalton me levou até o elevador, antes de eu entrar,

ele me fez parar para ouvir o que tinha para me dizer.

— Muito obrigado, Letícia, se não fosse você, eu não saberia o que fazer com a Lis. Bom trabalho, qualquer coisa, estou no celular—falou, sincero.

— Não tem nada que agradecer, senhor. Fiz de todo o coração, se não for pedir muito, eu gostaria de visitar a Lis, eu sei que só passamos um dia juntas, mas eu me apeguei a ela. Mas se o senhor me disser que isso não é certo, entenderei perfeitamente—pedi em voz baixa.

— Por favor, me chame de Dalton, não estamos na empresa. Claro que você pode vir visitar a Lis, tenho certeza de que ela também sentirá a sua falta. Agora vá, pois eu não tolero atrasos na minha empresa—disse, e notei um pequeno sorriso se formando em seus lábios, mas, como sempre, não completamente.

Entrei no elevador e, antes que as portas se fechassem, ele olhou para mim com as mãos no bolso da calça jeans. Meu coração bateu tão forte e dei graças a Deus que as portas do elevador se fecharam.



CAPÍTULO 7

DALTON GLOVER

DUAS SEMANAS DEPOIS...

A equipe do laboratório particular já estava na minha casa, iríamos realizar a coleta para o teste de paternidade, Kyara também estava presente, a presença dela era necessária, ela me disse que em três dias iria voltar para a Itália, mas pedi que ficasse por mais tempo, precisávamos resolver tudo sobre a nossa filha. Palhares, o meu advogado, estava presente também para nos auxiliar no que fosse preciso.

Depois de apresentar as nossas documentações tanto originais quanto as xerox e uma foto três por quatro da Lis com a certidão de nascimento dela, fomos para a coleta do material genético e fizemos a coleta da saliva. Depois de tudo feito, pedi a babá que levasse Lis para o quarto, dona Aparecida era

uma senhora com muita experiência em cuidar de crianças e, com uma carta de recomendação excelente, a contratei.

Após dona Aparecida sair com Lis e o pessoal do laboratório também, meu advogado me disse que em duas semanas sairia o resultado do exame. Kyara, em nenhum momento, pegou a filha no colo, a criança chorava querendo ir para os braços dela, eu entendo que ela não quer a criança, mas negar carinho, afeto e atenção? Era ser fria demais, Lis está comigo pouco menos de duas semanas e já me apeguei a ela, nunca que me negaria a dar carinho a um bebê que não tem culpa de absolutamente nada. Em meus trinta anos, nunca vi coisa parecida. Entramos no meu escritório, me sentei e pedi a ela que se sentasse. Ao me sentar, iniciei a conversa, pretendia ser rápido.

— Preciso que fique no Brasil até sair o resultado do exame, depois iremos ao cartório, meu advogado já redigiu a papelada, mas só podemos assinar quando o resultado sair. Decidi não proceder pela justiça, o que vamos fazer será extrajudicialmente, meu advogado já redigiu um acordo para ambos assinarmos, como está havendo um acordo de guarda entre os pais, será bem melhor dessa maneira—terminei de falar e olhei para ela que parecia impaciente.

— Já disse que assino o que você quiser, contanto que eu não tenha que levar a criança comigo de volta para a Itália, podemos fazer como você quiser. Vou ligar para agência e adiar o meu retorno, mas apenas duas

semanas, mais dias é impossível.—Me levantei da cadeira, passei a mão nos meus cabelos, irritado, como ela poderia ser tão cruel.

— Como você pode ser assim? Ela é sua filha, caramba. Ela sente a sua falta, chora e chama por você. Hoje mais cedo você não deu a mínima para ela, não querer ela morando com você até dar para relevar, mas ignorar a criança como se ela fosse uma estranha, isso chega a ser doloroso de presenciar, eu só queria entender por que você age assim, ela saiu do seu ventre.—Quando dei por mim, já tinha perdido a minha paciência com Kyara.

— Você não tem que entender nada. Eu só não peguei, porque ela precisa me esquecer. Depois que eu voltar para a Itália, não vou entrar mais em contato, espero que você também não me procure. A responsabilidade agora é sua. Quando o exame estiver pronto, é só me ligar que irei onde você decidir que eu vá, quero acabar com tudo isso rápido. Até mais e bom-dia—disse, saindo e batendo a porta.

Assim que Kyara saiu, fui com ela até o elevador, depois que ela foi embora, fiquei pensando em tudo. Eu não fui criado pelos meus pais, mas recebi muito amor dos meus avós, carinho, afeto. E darei em dobro para a minha filha.

Fui para o meu quarto me arrumar para ir à empresa, hoje tenho um almoço de negócios com os fornecedores da matéria-prima que usamos para a fabricação das joias. Na data que estava marcado, não pude comparecer, pois

Kyara apareceu na empresa deixando a Lis, a confusão foi tão grande que tive que adiar.

Por falar em Lis, antes de sair, vou passar em seu quarto para me despedir. Dei o nó na gravata, penteei os meus cabelos, coloquei o meu paletó, peguei a minha pasta e saí. Abri a porta devagar do seu quarto, ela estava deitada para dormir, assim que me viu, sentou-se no berço, fui até ela e a peguei no colo, dona Aparecida sorriu.

— Estou indo trabalhar, garotinha, se comporte.—Ela puxou a minha gravata e quis colocar na boca, mas não deixei, ela gritou. Sorri e dei um beijo em seu rosto, deitando-a novamente no berço.

— Até mais tarde, dona Aparecida, qualquer coisa, chame a Nazaré. A minha avó foi para a caminhada dela pela manhã, no parque. Cuide bem dela. Tchau, Lis.—Ela balançou a mão se despedindo. Era tão esperta.

Já no estacionamento, entrei no carro e Jairo foi direto para a empresa. O trânsito estava tranquilo e, em dez minutos, chegamos. Desci do carro e fui direto para o elevador, assim que chegamos ao andar do escritório, saí. Olhei para a mesa da secretária e Letícia já estava em seu posto. Quando me viu, se levantou.

— Bom dia, senhor—falou assim que passei por ela. Ao ouvir o seu bom-dia, parei e olhei na sua direção.

— Bom dia, senhorita Letícia, venha até a minha sala para me passar a minha agenda do dia—disse e andei na direção da minha sala.

Entrei me sentei e fiquei esperando-a entrar. Logo ela entrou com água e café, deixou na mesinha e se encaminhou mais para perto. Pegou agenda virtual e começou a falar. Mas eu não estava prestando atenção no que ela estava falando, fiquei olhando para o seu penteado, o seu cabelo estava preso com uma trança bem-feita, sua maquiagem, leve. Ela era muito bonita, mas era perceptível em seu rosto e olhar que carrega certa tristeza.

— Senhor?—Olhei para Letícia sem jeito.

— Você poderia repetir o que estava dizendo? Eu não estava prestando atenção.—Vi que ela sorriu, disfarçando.

— Hoje o senhor tem um almoço de negócios às treze horas. E, agora pela manhã, tem dois contratos para avaliar, já estão sobre a sua mesa.—Vi que ela queria me falar alguma coisa, fiquei esperando.

— Como está Lis? Eu queria ter ligado ontem para saber dela, mas fiquei receosa, o senhor poderia não gostar—falou e baixou o rosto.

Levantei-me e fui para perto dela. Seu olhar se ergueu e ficamos no olhando.

— Lis está muito bem, tenho certeza de que ela sente a sua falta. Se quiser ir no domingo vê-la, será muito bem-vinda.—Voltei para a minha

cadeira e me sentei.

— Fico muito grata pelo convite, senhor. Agora irei para a minha mesa.

—Assenti, e ela saiu.

Depois que Letícia saiu da minha sala, comecei a trabalhar, analisei os contratos, resolvi assuntos que estavam pendentes e, quando deu por volta de meio-dia e meia, saí para o almoço de negócios. Passei pela mesa da minha secretária e avisei que já estava indo almoçar. Ela me desejou um bom almoço e que tudo ocorresse bem.



CAPÍTULO 8

LETÍCIA ALCÂNTARA

Vesti uma calça jeans cintura alta, uma blusa branca e calcei as minhas sapatilhas. Olhei-me no espelho, prendendo os meus cabelos, passei uma maquiagem leve. Peguei a minha bolsa, coloquei o meu celular dentro e saí, trancando a porta. Dona Lourdes, a dona dos quartos, estava em frente à sua casa, varrendo a calçada. Quando me viu, se virou e veio na minha direção.

— Boa tarde, Letícia, nossa, você está tão bonita! Vai para onde?—a senhora me perguntou como se fôssemos íntimas. Mal nos falávamos. Com toda educação, respondi:

— Estou indo dar uma volta, espairecer, conhecer um pouco a cidade. Minha vida é só trabalhar. Hoje decidi sair um pouco. Até mais—falei e saí, deixando a senhora sem graça.

Eu não gostava de ficar dando explicações para onde eu iria ou deixava de ir. Saí da cidade onde morava por isso. Depois da minha separação e da minha perda, as pessoas não podiam me ver na rua que vinham me perguntar algo sobre o acontecido. Era como se cutucasse a minha ferida.

Virei a esquina da rua e vi um táxi, acenei, o carro parou e entrei, pedindo ao motorista para me levar ao Condomínio Alphaville. Estava indo visitar Lis, e estava ansiosa, pois iria ver o meu chefe. Era quase três da tarde quando saí de casa, não queria ir na hora do almoço, não quis interromper o almoço deles, de repente eles poderiam estar recebendo visitas. O taxista parou o carro em frente ao condomínio, paguei e desci agradecendo. Fui até o segurança, falei o meu nome e disse que o senhor Dalton estava à minha espera. Tive a minha entrada liberada depois da confirmação da ligação para a cobertura. Caminhei até o elevador, eu estava sentindo um misto de euforia, sentia o meu estômago gelar, era como se eu estivesse indo a um encontro romântico. O elevador parou na cobertura; assim que as portas abriram, Dalton e Lis estavam à minha espera. O meu chefe estava coma filha no colo, usava uma bermuda desbotada e uma camiseta azul. Lis estava linda, uma verdadeira princesa. Quando me viu, ela gritou contente, ela me reconheceu.

— Boa tarde, senhor... digo, boa tarde, Dalton. E você, princesa, como está?—perguntou, pegando Lis em meu colo, ela veio numa alegria. Senti o perfume amadeirado quando cheguei bem perto dele para pegar a Lis.

— Acredita que essa garotinha já está dando alguns passos? Mas ainda tem medo, hoje mesmo ela passou a manhã tentando andar—ele disse cheio de orgulho na voz. Com certeza ele já estava amando essa criança maravilhosa. Mas como não amar? Ela é encantadora.

— Logo ela correrá por esse apartamento enorme. Não é mesmo, Lis? Vem, vamos tentar dar uns passinhos.—Peguei na mão dela e fiquei dando umas voltinhas pela sala. Logo a dona Adele apareceu e, quando me viu, sorriu. Dalton se sentou na poltrona, nos observando, de vez em quando pegava me olhando, mas ele disfarçava. Eu ficava muito nervosa com o seu olhar sobre mim.

— Olha quem veio nos visitar. Tudo bem, minha filha?—dona Adele disse chegando perto de mim, me cumprimentando com dois beijos no rosto. Sorri para a senhora tão amável.—Dalton, querido. Peça a Nazaré para servir o chá na varanda, hoje as minhas convidadas serão essa moça linda e a minha bisneta, que é mais linda ainda—pediu, sorrindo.

Ela colocou o seu braço entrelaçado no meu. Olhei para Dalton, ele balançou a cabeça, permitindo que eu levasse Lis. Peguei Lis no colo e fomos para a varanda. Nunca tinha estado em um lugar tão lindo, daqui dava para você contemplar a cidade inteira, o lugar é coberto, tem um sofá enorme, uma piscina e um pequeno jardim, com flores de todas as cores, e é bem ventilado,

eu ficaria por horas aqui. Ajudei dona Adele a sentar, em seguida, me sentei com Lis em meu colo.

— Esse lugar é lindo, confesso que nunca tinha estado em uma cobertura antes. Esse vento tão fresco. Que lugar maravilhoso, dona Adele.— falei, sorrindo para a senhora.

— Me chame apenas de Adele, a senhora está no céu—ela disse, me fazendo sorrir. Logo a Nazaré chegou e colocou à bandeja com chá e bolachas na mesa. Ela saiu após dona Adele agradecer.

— Ainda bem que você veio hoje, Celeste está de folga, não gosto de tomar chá sozinha, e Dalton não gosta de chá, ele gosta de uísque. Meu marido Thomas também preferia uísque.—Senti tristeza em sua voz quando se referiu ao marido, ela encheu as nossas xícaras com chás.

Dei uma bolacha para Lis, que começou a comer, bebi um pouco do chá e gostei muito. Acho que nem lembro a última vez que tomei chá com alguém. Dona Adele começou a falar um pouco sobre como o marido começou vendendo joias.

— Quando me casei com Thomas, ele que desenhou as nossas alianças, ele era *designer*, todas as minhas joias foi ele que desenhou, é a coisa mais linda que me deixou, já disse ao Dalton. Quando eu morrer, quero que você faça um leilão e doe o valor para uma instituição de caridade, mas, enquanto

eu estiver viva, elas vão ficar no meu cofre, e vou admirá-las todos os dias—ela comenta com os olhos brilhando.

Dalton apareceu na varanda, era estranho a sensação que sentia todas as vezes que ele se aproximava. Lis começou a chamar por ele, que se sentou perto de mim, ela saiu do meu colo e foi para o colo dele, segurando a bolacha que quebrou e sujou a sua bermuda. Limpei os farelos, fiquei nervosa quando comecei a catar as migalhas da sua bermuda.

— Já está ficando frio, vou para o meu quarto—dona Adele disse, se levantando.

— A senhora quer ajuda?—Levantei-me, me prontificando a ajudá-la.

— Não, minha querida, pode ficar apreciando a vista, essa velha senhora aqui vai se deitar—falou, saindo e nos deixando sozinhos.

— Esse espaço é tão lindo, estava falando para a sua avó. Essa vista é perfeita—comentei, olhando para o céu completamente azul, da cor dos olhos do meu chefe.

— Confesso que é o meu lugar preferido. Quando estou estressado, venho para cá, me sento e fico admirando esse céu, logo o pôr do sol vai aparecer, aí você vai o que é bonito. Vem, vamos mais para perto.

Ficamos me pé, admirando o pôr do sol, Lis dormiu no colo de Dalton e fomos para dentro da casa. Dalton foi levar Lis para o quarto dela, e eu fui

junto. O quarto da garotinha era a coisa mais linda. Digna de uma criança que é muito amada. Após ele deitar ela, colocou a coberta, cobrindo o seu corpo. Saímos e, como já era quase cinco e meia da tarde, resolvi ir embora. Dalton quis que eu jantasse com eles, mas eu achei melhor não. Eu tinha que pôr na minha cabeça que era apenas a sua secretária. Nada mais que isso.

Fiquei esperando o elevador e, no instante em que fomos nos despedir, a intenção era que déssemos um beijo no rosto um do outro, mas acabamos nos atrapalhando e sua boca encostou-se no canto dos meus lábios, demorando-se ali. Automaticamente meu coração bateu mais rápido do que o normal e minhas bochechas pareciam queimar. Peguei-me sem jeito diante do que acabou de acontecer e, quando nos afastamos, as portas da caixa de metal se abriram. Rapidamente me coloquei para dentro, num ato de escapar o mais rápido possível da sua presença. Antes de as portas se fecharem, meus olhos se chocaram com os dele e admirei suas írises azuis. Fui tirada das minhas inspeções ao ter o nosso contato interrompido, pois o elevador se fechou de vez e começou a descer.

Recostei-me em uma de suas paredes, soltando o ar que sequer tinha notado que estava segurando.



CAPÍTULO 9

DALTON GLOVER

No domingo, quando a Letícia veio visitar a minha filha aqui em casa, fiquei a admirando, sem que ela percebesse que eu estava olhando para ela. Era totalmente diferente da mulher que trabalhava comigo. Ela usava uma calça jeans, sapatilhas, e confesso que eu gostava mais quando ela se vestia assim. Depois que Lis dormiu, eu fui levá-la até o elevador e, num momento da despedida, nos atrapalhamos, acabei acertando um beijo no canto dos seus lábios. Senti que ela ficou nervosa, pois as suas bochechas coraram. Não queria que ela fosse embora, mas as portas se fecharam e ela se foi. Entrei em casa sentindo que tinha corrido uma maratona. Coloquei uma dose de uísque no copo e tomei todo o líquido. Quase não consegui dormir naquela noite. Estava sem sexo quase um mês e confesso que era a primeira vez que não

tinha vontade de sair para procurar mulher. Lis estava ocupando todo o meu tempo, essa pequena tinha roubado o meu coração.

Hoje, segunda-feira, recebi o exame da paternidade de Lis, ela é a minha filha. Claro que no dia em que a mãe dela deixou ela aqui na empresa, eu duvidei. Mas, depois que a levei para casa, não tive mais dúvidas. Eu já esperava que o resultado fosse positivo. Meu advogado já tratou de toda a papelada, mais tarde Kyara vai passar aqui na empresa para irmos ao cartório e assinar a documentação. Deixei uma mensagem em seu celular.

Jairo estacionou o carro na vaga de sempre e eu desci, indo direto para o elevador. Ao chegar no andar do escritório, saí do elevador encontrando com Juan, o diretor-executivo, conversando com a Letícia, não sei o que deu em mim, mas eu não gostei. Andei devagar para ver se conseguia ouvir o que ele falava para ela, mas não escutei nada. Apenas um obrigado de Juan. Quando ele ia saindo, me viu e parou, sorrindo na minha direção.

— Bom dia, Dalton—falou.

— Bom dia, Juan. Senhorita Letícia, venha até a minha sala.—Não sei o que deu em mim, não parei em sua mesa como das outras vezes para conversar. O que ele queria com a minha secretária se ele tinha a dele?

Entrei na minha sala e fiquei esperando Letícia entrar. Como de costume, ela trouxe água e café e ficou esperando-me falar alguma coisa.

Como não disse, ela abriu a agenda e me passou o que eu iria fazer.

— O almoço de negócios de hoje pode cancelar. Nesse horário, vou sair com o meu advogado e a mãe da Lis. Quando ela chegar, você a encaminhe para a minha sala, logo mais Palhares está chegando.—Olhei para ela, que baixou o olhar. Letícia pediu licença e saiu. Antes, a chamei.

— Senhorita Letícia.—Ela se virou e seus olhos claros me analisaram.

— Pois não, senhor.—Queria dizer para ela me chamar apenas de Dalton, pois eu gostava de ouvi-la me chamar assim, mas estávamos na minha empresa.

— Aconteceu alguma coisa com o Juan para ele estar na sua mesa conversando? Suponho que seja assunto sobre o trabalho. Ele não é de ficar conversando com as minhas secretárias—falei e me escorei na cadeira. Prestando atenção na sua resposta.

— Na verdade, ele só estava me agradecendo por tê-lo ensinado a mexer na máquina de café, visto que é nova e ele não sabia os comandos. Por quê? Algum problema com isso, senhor? — intimou, e passei meu dedo indicador pelo meu queixo.

Seus olhos permaneceram vidrados em mim, aguardando uma resposta e, por fim, respondi:

— Não, nenhum. Apenas curiosidade. — Dei de ombros, fingindo indiferença, afinal de contas, por mais que os ver tão próximos não tenha me agradado, eu não podia simplesmente demonstrar isso. — Já pode ir, obrigado — completei, dispensando-a.

Ela balançou a cabeça em positivo e deixou a sala.

Sem entender direito o meu incômodo por tê-los visto juntos, deixei isso de lado e comecei a analisar alguns documentos e contratos que existiam em cima da minha mesa.

Quando deu por volta do meio-dia, o telefone da minha sala tocou. Atendi sabendo quem era.

— *Senhor Dalton, a senhorita Kyara chegou, seu advogado também. Posso levá-los até a sua sala?*

— Sim, e traga água, por favor—falei e desliguei o telefone.

Letícia entrou e logo Kyara e Palhares entraram. Letícia deixou a bandeja com água e saiu. Fui direto ao ponto, ter Kyara na minha sala fazia algo dentro de mim, que seria sentimento de pai, ter um pouco de raiva dela. Ela fez a minha filha chorar, e não fez nenhum esforço para fazê-la parar.

— Aqui é onde você vai assinar, este é o acordo de guarda entre vocês dois. Logo depois, será Dalton a assinar. Com a papelada toda assinada, podemos ir ao cartório para inserir o nome do pai—Palhares disse para

Kyara, ela assinou sem pensar duas vezes, estava louca para se ver livre da filha. Após tudo assinado, peguei a minha pasta, abandonando a minha sala em suas companhias, já que irmos ao cartório, e parei diante da mesa da minha secretária.

— Senhorita Leticia, não volto mais hoje. Qualquer emergência, pode me ligar — avisei, e ela comprimiu seus lábios em concordância.

Despedi-me e caminhamos em direção ao elevador. Paramos para a guardá-lo e não me contive em olhar para trás, flagrando-a também me observando. O canto dos meus lábios se arqueou disfarçadamente e me vi contente por saber que ela, possivelmente, tinha algum interesse em mim. Então, fui arrancando das minhas divagações assim que o elevador parou e entramos em seu interior, acionando o botão que nos levaria para o estacionamento privado da empresa.

Chegamos ao cartório, foi um pouco demorado, mas tudo foi resolvido. Lis tinha o meu nome em sua certidão de nascimento, ela era uma Glover de fato e direito. Kyara foi embora. Jairo me levou para casa, eu só queria pegar a pequena nos braços e dizer que ela era minha filha e que seria muito amada. Não a deixaria sentir falta da mãe, pois faria de tudo para suprir a falta que ela faria. O meu amor seria suficiente, ela estava me ensinando a amar.



CAPÍTULO 10

DALTON GLOVER

Estava na sala sentado no sofá, tomando uma dose de uísque e pensando na minha vida. Era certo que eu não queria me relacionar com ninguém, não queria filhos. Minha vida era apenas trabalhar e, aos finais de semana, sair para espairecer, encontrar uma boa companhia e ir para o meu apartamento. De manhã, a mulher iria para casa dela, e eu, para a minha, sem perguntas, sem amarras, sem ligações no dia seguinte. Mas isso tudo mudou quando eu quase beijei a minha secretária aqui na minha casa. Desde que esse “quase” beijo aconteceu, não tenho dormido direito. Penso em Letícia praticamente todos os dias, e isso me deixa confuso. Tomei o resto da bebida do copo e já ia me levantando para ir me deitar, já era quase vinte três horas. Ouvi passos devagar pelo corredor e vi a silhueta da minha avó, ela não era de ficar acordada até tarde. Será que ela estava passando bem?

— A senhora está bem, vó?—Levantei-me para ajudá-la se sentar no sofá. Após ela se sentar, começou a falar.

— Eu estou ótima, mas parece que você que não está. Eu venho te observando desde a semana passada e sei que algo está te incomodando. Você acorda pela madrugada e vem para a sala, quando não está no escritório. Você nunca mais saiu para lugar algum, e não é porque a Lis é um bebê, porque ela tem a babá dela, tem a mim, sou uma idosa, mas ainda sirvo.—disse, me fazendo sorrir.

— Eu não sinto vontade de sair como saía antes. Na verdade, eu acho que estou interessado na minha secretária. Eu sinto que ela também está, mas não sei como proceder o assunto—disse, me levantando e colocando mais um pouco de uísque no copo.

— Eu já tinha percebido antes o seu interesse por ela, quando você a olha, os seus olhos brilham, isso é bonito filho, eu fico muito feliz que você esteja se interessando por alguém, e que essa pessoa seja a Letícia, ela é uma moça muito especial, gosta da sua filha e de você também. Por que não a chama para sair, um jantar talvez. Pergunte sem medo, um Glover não tem medo de nada—ela aconselha, alisando o meu rosto.

Ajudei a minha avó a se levantar e fomos juntos para os nossos quartos. Depois que a minha vó entrou em seu quarto, fui para o meu, tomei um banho e me deitei. Fiquei pensando nas palavras da minha avó e adormeci.



Cheguei cedo na empresa, acordei cedo também, minha filha não dormiu direito, teve febre pela madrugada, como a babá não dorme em casa, fiquei com ela em seu quarto, tentando fazer com que ela dormisse.

Os dentinhos dela estão nascendo, os de trás, a minha avó disse que dá diarreia, ou febre. Quando ela conseguiu dormir, já era quase seis da manhã. Esperei a babá chegar e relatei o ocorrido, pedi a ela que ficasse de olho e me informasse qualquer mudança. Me doía o coração sair de casa e deixá-la doente, mês que vem é o seu aniversário, não quero fazer nenhuma festa grande, quero apenas as pessoas de casa mesmo. Estou pensando em chamar a Letícia para me ajudar a organizar, como ela gosta muito de Lis, tenho certeza de que ela não vai se recusar.

Fui até a copa para pegar um copo de café, como ainda era cedo, a minha secretária ainda não tinha chegado. Assim que a copeira percebeu a minha presença, ficou parada, sem saber o que fazer.

— Bom dia, senhor. Posso lhe servir um copo de café?—Olhei no crachá o seu nome.—Sueli, não precisa, eu mesmo posso me servir?—A copeira balançou a cabeça.

Após clicar nos comandos da máquina, saí da copa com o meu copo de café. Estava indo para a minha sala no exato momento em que Letícia

chegava. Ao me encontrar, sua expressão mudou, notei que ela ficou nervosa, mas fingiu não ficar.

— Bom dia, senhorita Letícia.—Ela pôs a bolsa em cima da mesa antes de me responder. Nesse momento Juan chegou, me cumprimentou e parou para falar com Letícia. Fiquei esperando para ver qual assunto da vez.

— Bom dia, senhor Dalton. Senhor Juan—falou de forma educada.

— Vim saber se você já foi buscar café, ainda não estou familiarizado com a máquina—Juan disse, olhando para Letícia.

— Acabei de vir de lá, a copeira está lá, ela pode lhe auxiliar, ou até mesmo pegar para você.—Juan agradeceu e saiu para a copa. Percebi que ele está interessado na minha secretária. Olhei para Letícia.

— Algum problema, senhor?—Sua voz soou baixa e curiosa.

— Problema nenhum, só quis deixar claro que você não é secretaria dele.—Uma expressão confusa se formou em seu rosto.

— Não vejo problema algum em ajudar, senhor—disse, e quase reviro os olhos para a sua resposta.

□ Vou para a minha sala—falei, saindo.

Abri a porta da minha sala e entrei. Será que ela percebeu os meus ciúmes? Letícia abriu a porta e entrou. Me levantei e esperei ela se aproximar mais.

— Os documentos que ficou faltando o senhor assinar.—Letícia estendeu os papéis na minha direção.

Quando fui pegá-los, meus dedos tocaram na sua mão. Com o seu nervosismo, os papéis caíram no chão e, em um movimento praticamente juntos, nos abaixamos, minha mão ficou em cima da dela, nossos olhares se reergueram, fixando um no outro, sua íris aumentou de tamanho, não tive como evitar, olhei para os seus lábios rosados, toquei o seu rosto, nos levantamos no mesmo instante, me aproximei mais até que estivéssemos tão próximos a ponto de sentir as nossas respirações. Uma das minhas mãos foram parar na cintura da Letícia e levei os meus lábios até os dela. Ela não fez menção de sair, ao contrário, recebeu o meu beijo. Devagarinho, os seus lábios se abriram, uma de suas mãos seguraram na manga do meu paletó e minha língua invadiu a sua boca sem pressa. O beijo era lento, apertei mais a sua cintura, a queria mais perto de mim. De repente, ela parou o beijo e ficou me olhando.

— Isso não está certo, senhor. Estamos no trabalho, não quero que o senhor pense que eu já fiz isso antes—disse, um pouco nervosa.

— Eu não estou pensando nada. Eu sei que não é o local certo para isso acontecer. Esses últimos dias tenho pensado muito em você, e hoje não deu para evitar. Se eu a constrangi, peço desculpas, mas não estou arrependido, diante deste fato, quero convidá-la para jantar comigo, podemos marcar no

sábado. O que acha?—Na hora que ela ia me responder meu celular tocou, tive que atender, pois era a babá de Lis. Pedi um minuto a Letícia, que ficou parada esperando.

— Aconteceu alguma coisa, dona Aparecida?—perguntei, assim que atendi.

— *É a Lis senhor, ela está com muita febre, não quis comer nada. Estou muito preocupada*—ela falou, e escutei o choro da minha filha ao fundo.

— Estou saindo agora da empresa. Tente fazer ela parar de chorar, já estou chegando—avisei, desligando.

— Aconteceu alguma coisa com Lis?—Letícia perguntou, preocupada.

— Ela está com febre, os dentinhos de trás estão nascendo, ela está enjoada. Vou levá-la ao pediatra, ontem não dormiu direito—contei, pegando a minha pasta. Antes, olhei para Letícia.

— E você, vai ou não jantar comigo?—Seus lábios comprimiram em um pequeno sorriso e ela respondeu.

— Sim.—E foi a minha vez de sorrir, dessa vez, sorri de verdade.

Sáímos da minha sala, Letícia pediu que eu avisasse sobre o estado de Lis. Disse a ela que qualquer emergência comunicasse Juan. Saí da empresa

preocupado com a minha filha, ao mesmo tempo, pensando no jantar com Letícia.



CAPÍTULO 11

LETÍCIA ALCÂNTARA

Fiquei o resto do dia pensando no beijo do meu chefe. Eu já tinha percebido os seus olhares na minha direção, mas nunca imaginei que ele teria coragem de me beijar em sua sala. Quando me convidou para sair para jantar com ele, achei que estivesse apenas sendo gentil. Quando aceitei, ele sorriu, era um sorriso completamente lindo, meu coração batia tão forte.

Depois que me separei, nunca mais tinha me interessado em outra pessoa. Depois que Dalton saiu para ir ver Lis, ainda pensei em ir com ele, mas não poderia deixar o meu trabalho. E ele disse que me deixaria informada sobre o estado da pequena. Quando sua mãe a deixou aqui na empresa e logo depois Dalton a deixou em meus braços, eu me apeguei no primeiro instante que olhei para o seu rostinho assustado. Hoje me preocupo

com ela; se pudesse, todos os dias iria vê-la. Mas não quero que pensem que eu estou forçando algo.

Já era quase o final do expediente. Arrumei a minha mesa, desliguei o computador, peguei a minha bolsa e saí. Olhei para a sala do meu chefe e lembrei mais uma vez do nosso beijo e sorri, me sentindo uma adolescente apaixonada. Do lado de fora da empresa, meu celular vibrou com uma mensagem, tirei-o da bolsa e abri a tela, lendo o nome do meu chefe.

*Já estou em casa com Lis, ela já foi medicada, comprei os remédios.
E está tudo bem. Nos vemos amanhã, na empresa. Boa noite, senhorita
Letícia.*

Um alívio tomou conta de mim ao terminar de ler a mensagem, saber que Lis estava bem me deixava tranquila. Atravessei a rua e fiquei esperando o ônibus, não demorou muito para que passasse, entrei, paguei a minha passagem e me sentei. Quase dez minutos depois, cheguei em casa, coloquei a minha bolsa em cima da cama, tirei os meus sapatos e fui tomar um banho. Depois jantei, fui dormir, mas difícil foi tirar os belos olhos azuis do meu chefe da minha mente, o sabor do seu beijo. Rolei de um lado para o outro e finalmente adormeci.



Cheguei na empresa cedo, era sábado e não tinha como não imaginar que mais tarde sairia com o meu chefe. Passamos a semana toda que nem bobos, olhando um para o outro. Quando nos olhávamos, sorríamos. Quando Dalton passava pela minha mesa conversando com algum executivo, dava um jeito de olhar para mim e sorrir. Eu ficava nervosa, o jeito que ele me olhava me deixava quente. Desde que eu me separei, não dormi com homem nenhum, e confesso que só o pensamento me deixa nervosa.

Por volta das treze horas, o meu expediente havia acabado. Resolvi que passaria no shopping para ir no salão, arrumar os meus cabelos e comprar um vestido. Tinha uma quantia guardada na minha conta e hoje iria gastar cuidando de mim. Dalton disse que vai passar para me pegar às oito horas da noite, em casa, ainda quis fazê-lo mudar de ideia, talvez marcássemos em um restaurante, mas ele me disse que me pegaria em casa.

Desci do táxi em frente ao shopping e entrei no salão. Cortei as pontas dos cabelos, fiz as unhas, limpei a pele e fui comprar o meu vestido. Entrei numa loja onde vendia vestidos um mais lindo que o outro e um pouco caro também, experimentei um vestido longo, azul-claro, aproveitei e comprei um conjunto de lingerie da mesma cor. Após pagar, fui para casa.

Cheguei em casa ansiosa para chegar logo à noite. Não sei como me comportaria na presença daquele homem tão bonito e tão intimidador, com certeza ele é conhecido nesses restaurantes finos que é acostumado a

frequentar. Coloquei o meu vestido em cima da cama, abri o armário e escolhi um salto que não era acostumada a usar para trabalhar por ser mais alto que os outros.

Por volta das dezenove e trinta, comecei a me arrumar. Vesti a lingerie e fiquei me olhando no espelho, meus olhos foram para a minha barriga completamente lisa, mas que há um ano estava redondinha. Espantei o pequeno pensamento que sempre que me vinha a minha memória me fazia ficar melancólica. Em seguida, coloquei o vestido, ajeitando a peça no meu corpo, calcei os sapatos, deixei os meus cabelos soltos, fiz uma maquiagem leve, mas usei um batom vermelho. Peguei a minha bolsa que uso para sair à noite, coloquei o meu cartão de crédito, meu batom e me olhei mais uma vez no espelho.

Meu celular começou a tocar, faltava dez minutos para as oito. Era Dalton, meu coração acelerou ao ouvir a sua voz.

— Já estou aqui na frente, te esperando—disse, desligando o celular.

Com o estômago frio, saí do apartamento, ajeitei a minha bolsa no ombro e me deparei com uma cena jamais vivida antes. Dalton estava em pé, escorado em seu carro, dessa vez, era um carro diferente, mas era tão luxuoso quanto o que ele vai para a empresa. Assim que me viu, os seus olhos brilharam e um sorriso despontou no canto dos seus lábios. Ele estava lindo,

todo vestido casualmente, nem parece que é um CEO importante, parece um modelo que a gente vê nos comerciais de perfumes importados.

— Você está linda—disse, pegando na minha mão e beijando.

— Obrigada, você também está—afirmei, sincera, com um sorriso nos lábios.

— O que foi?—perguntei, pois ele parou um breve segundo e ficou me olhando.

— Estou fascinado, se a sua intenção era me deixar dessa forma, você conseguiu, senhorita Letícia—respondeu com um sorriso bobo nos lábios.

Sorri, balançando a cabeça. Dalton abriu a porta do carro, entrei e logo ele entrou.

— Achei que Jairo que estivesse dirigindo—falei quando ele se sentou e colocou a mão no volante.

— Hoje eu mesmo preferi vir dirigindo—comentou, ligando o carro e entrando na rua principal.

— Como está Lis?—Olhei para Dalton esperando a resposta.

— Uma verdadeira sapeca. Já está andando, ontem queria descer do berço. Está cheia de vontade, a bisavó vive fazendo as vontades dela. Estou pensando em comemorar o seu aniversário, nada tão extravagante, apenas

nós. O que acha de me ajudar a montar a festa?—Fiquei lisonjeada com o seu convite.

— Seria um prazer—concordei, Dalton me olhou sorrindo.

Dalton estacionou em frente a um restaurante elegante, o manobrista abriu a porta do carro, descemos. Dalton entregou a chave para ele, que saiu com o carro. Me surpreendi quando ele colocou o meu braço entrelaçado no seu, por um instante pensei em tirar, pois algumas mulheres que estavam em suas mesas olharam para nós quando entramos no restaurante. Fiquei nervosa, ele percebeu e sorriu, me encorajando. Como um perfeito cavalheiro, ele puxou a cadeira para mim, agradeci e me sentei.

O garçom trouxe o menu, Dalton pediu que ele trouxesse duas taças de vinho; pelo nome, com certeza devia ser o mais caro. O garçom deixou as duas taças na mesa e saiu. Peguei a minha e tomei, sentido o gosto da bebida invadir o meu paladar.

— Gostou?—Ouvi a voz do Dalton e ergui os meus olhos na sua direção.

— Adorei—respondi, sorrindo.

— O único vinho que tomo quando venho jantar fora, não sou muito fã da bebida, gosto mais de uísque. Mas resolvi te acompanhar, o que vai pedir para jantar?—Peguei o menu. olhando as opções.

Resolvi pedir um salmão grelhado com salada. Dalton pediu a mesma coisa.

— Me diz o que está achando do lugar. Do nosso primeiro encontro.— falou, e o garçom colocou os nossos pratos na mesa.

— Estou encantada com tudo; para ser bem sincera, nunca tinha vindo a um restaurante tão elegante e sofisticado.—Dalton me olhou, mastigando um pouco da comida.

— Pois, acostume-se—disse, tomando mais um pouco do vinho.

Terminamos de comer, Dalton pediu sobremesa, conversamos mais sobre as nossas vidas. Fiquei tentada em perguntar a respeito da mãe da Lis, mas achei que não era o momento para entrar nesse assunto.

Dalton pagou a conta, antes fui ao toalete e, quando retornei. saímos do restaurante. Chegamos em casa, o carro parou, não resistimos e nos beijamos novamente. Eu estava sentindo o meu corpo pegar fogo, as mãos de Dalton estavam na minha coxa e foram subindo. Abri os meus olhos, nossas respirações estavam aceleradas.

— Você quer entrar?—falei em um fio de voz.

— Claro—respondeu, e saímos de dentro do carro.

Abri a porta de casa, Dalton entrou e fechei a porta logo depois. Eu iria oferecer uma água, mas suas mãos possessivas foram para a minha cintura,

me puxando para perto do seu corpo; seus olhos focaram na minha boca, vi o exato momento em que sua língua passou pelos seus lábios, umedecendo-os, depois ele encostou a sua testa na minha, suas mãos subiam e desciam pelas minhas costas.

O beijo de Dalton era lento, ele provava os meus lábios, chupando-os devagar, lambia e me olhava com tanto desejo. Me vi tímida com o seu olhar de fome sobre o meu corpo. Enquanto me beijava, Dalton me ergueu, fazendo com que as minhas pernas rodeassem a sua cintura. Ele escorou o meu corpo na parede e ficamos nos beijando. Sua língua era rápida, sugava a minha, me fazendo gemer. Enquanto gemia, ele caminhou comigo até a minha cama e me deitou, ficando por cima de mim. Seus beijos desceram para a pele do meu pescoço. Eu o queria muito, mas sentia que não era o momento.

— Dalton — sussurrei, fazendo ele olhar para mim.

— Letícia, eu quero você — disse, olhando em meus olhos.

— Eu também, mas peço que espere mais um pouco. Eu sinto que ainda não é o momento — falei, pois era o que estava sentindo.

— Tudo bem, confesso que estou indo muito rápido — concordou, alisando o meu rosto. — Quero te conquistar primeiro, e só depois levá-la para a minha cama, tenho certeza de que você não vai mais querer sair dela. — falou, sorrindo.

Não me cansava de ver o seu sorriso, Dalton arrebatou o meu coração
e nem tinha se dado conta disso.



CAPÍTULO 12

DALTON GLOVER

UM MÊS DEPOIS...

— Como é acordar e ter um ano, hein, filha?—Lis sorriu quando me viu deitado ao seu lado na minha cama, a danada fez manha e conseguiu me convencer que o melhor era ela dormir comigo.

— *Papa... Papa...*—Essas pequenas palavras saíram de sua boca.

Arregalei os meus olhos e uma forte emoção tomou conta de mim. Deixei com que as lágrimas caíssem, era a primeira vez que ela me chamava de pai; outras vezes, ela chamava pela mãe. Abracei Lis e beijei o seu rostinho frio, ela deitou a cabeça em meu ombro como se estivesse sentindo a minha emoção. Desde que essa pequena chegou na minha vida, só tive

momentos de alegria com ela. Lis transformou a minha vida e a minha casa. Por todos os cantos, tem brinquedos dela espalhados.

— Eu te amo, filha. Hoje é o seu aniversário e o papai vai fazer uma festinha para você, vamos passar o dia na piscina, adivinha quem vem comemorar conosco? Sim, acertou, a tia Letícia.—Lis gritou ao ouvir o nome da Letícia.

Por falar nela, estávamos saindo pouco menos de três semanas, estava indo muito bem, me sentia à vontade o seu lado. Mas ela não queria que as pessoas do trabalho soubessem, ainda era cedo para nomear o que estávamos tendo um com o outro. Estava querendo ir devagar; primeiro descubro que sou pai e depois me envolvo com a minha secretária. Confesso que estou gostando muito dela, Letícia é uma mulher maravilhosa.

— Vamos tomar um banho?—Coloquei Lis no chão, ela saiu andando na direção da porta. Como era domingo, a babá dela não trabalhava.

Entramos em seu quarto, ela já sabia todo o caminho, era tão esperta. Tirei a sua fralda, joguei no cesto de lixo, entrei no banheiro e liguei a torneira enchendo a banheira. Coloquei Lis dentro e ela começou a brincar com os brinquedos que ganhou da bisavó. Peguei a escova de dentes dela, coloquei um pinguinho de creme dental e comecei a escovar. Lis, a todo momento querendo ser independente e pegar a escova da minha mão; quando

não conseguia, começava a gritar. Lavei os seus cabelos, em seguida, peguei a sua toalha, enrolando no seu corpo.

Terminei de vestir a sua roupa e fiz um penteado, não estava perfeito que nem os que Letícia fazia, mas eu estava aprendendo ainda. Peguei Lis no colo, levei ela para a minha avó olhar enquanto iria tomar um banho, depois do café, iria ligar para um buffet para encomendar um bolo, uns salgadinhos, seria apenas eu, minha avó, Letícia e Celeste.

Assim que saí do banho e fui para a sala, me deparei com Letícia brincando com Lis, fiquei parado observando a cena, as duas sentadas no tapetinho de emborrachado. Lis pegava as xícaras de brinquedo e dava para a Letícia, que fingia estar tomando chá, sorri e me aproximei, me sentando perto delas.

— Bom dia, Letícia—disse, beijando o seu rosto, Lis viu e veio fazer a mesma coisa, se aproximou da Letícia, beijando o rosto dela.

— Bom dia, Dalton. Essa menina está muito esperta, presta atenção em tudo—falou, me olhando.

Nos levantamos, Letícia pegou Lis no colo e fomos para a mesa do café. Minha avó já estava sentada à mesa nos esperando. Depois de ajeitar Lis em sua cadeirinha, me sentei ao lado dela, comecei a dar o seu café, ela sempre comia frutas, já comia pão, gostava muito de tomar suco.

— Se dependesse de mim, a festa de aniversário da minha bisneta seria um verdadeiro evento, igual aos eventos da empresa. Mas Dalton não quer.—
minha avó disse, me fazendo balançar a cabeça.

— Ela não precisa de uma festa assim, ela precisa das pessoas que amam perto dela. Não é mesmo Lis?—falei, colocando um pedaço de morango em sua boca.

— Deixa para quando ela estiver maior. Prefiro que sejamos só nós mesmo, tenho certeza de que Lis ficará muito feliz. Já liguei pro buffet e encomendei o bolo, mais tarde a piscina de bolinha que eu comprei vai chegar e vão montar.

— Estou indo na missa agora, vou rezar por minha neta, e que Nossa Senhora me ouça e realize mais um desejo meu. Quero ver o meu neto casado e me dando mais uns três bisnetos—minha avó disse olhando para Letícia, que ficou com as bochechas coradas.

Assim que a minha avó saiu com Celeste, fomos para o quarto da Lis colocar o biquíni nela. Letícia me ajudou a comprar algumas peças, compramos também sunga e um biquini para Letícia também, na verdade, eu estava ansioso para vê-la de biquíni.

Chegamos à piscina, passei protetor nas minhas duas meninas, fiquei hipnotizado quando Letícia tirou a saída de banho. Nós ainda não havíamos

transado, e todas as vezes que nos encontrávamos, eu tinha que tomar banho frio quando chegava em casa. Eu percebo que ela tem receio de se entregar pra mim, pois acha que depois irei dispensá-la, mas ela está muito enganada, achando que isso vai acontecer, eu estou apaixonado como nunca estive por mulher alguma.

— Ei, vai ficar aí nos olhando, vem logo, Dalton—Letícia disse com Lis no colo, ela já estava descendo a escada para entrar na água.

Nazaré deixou sucos e algumas frutas. Deixei o meu óculos em cima da mesa e pulei na piscina, Lis começou a gritar.

Peguei-a e comecei a ensiná-la a nadar, ela batia os braços e as perninhas, mas tinha um pouco de medo. Letícia ajudou a colocá-la nas minhas costas e nadei bem devagar, ela começou a gargalhar, amava uma bagunça. Ficamos assim a tarde toda tomando banho e pegando sol. Lis brincava com os seus brinquedos, enquanto eu e Letícia namorávamos um pouco.

— *Mama, mama!* — Lis esticou os bracinhos na direção da Letícia querendo ir para o seu colo. Letícia me olhou com os olhos emocionados, minha filha deitou a cabeça no ombro dela, lágrimas desciam das bochechas dela. Letícia estava chorando.

— O que foi que aconteceu? Você não está se sentindo bem, querida?

— falei, alisando o seu ombro. Ela piscou dizendo:

— Você ouviu? Ela me chamou de mamãe, Dalton, ela me vê como mãe. — Um soluço escapou de sua garganta. Era como se a palavra mãe a machucasse.

Sáímos da piscina e fomos na direção do quarto da Lis, ela já estava cochilando nos braços da Letícia.

Depois que Lis dormiu, fomos para o meu quarto, Letícia tomou um banho, eu tomei banho no quarto de hóspedes, quando voltei pro quarto, ela estava secando os cabelos, a abracei por trás, beijando o seu pescoço. Fiquei assim com ela por um breve segundo, abracei, dei vários beijos. Gostaria que ela me contasse o que estava a deixando triste. Virei-a para mim, coloquei as mãos na sua cintura e olhei dentro dos olhos dela:

— Quer me contar alguma coisa? — Tirei uma mecha de cabelo dos seus olhos. — Estou sentindo você diferente desde o episódio na piscina. Não quero te ver assim. — Beije os seus lábios.

Peguei em sua mão e a levei pra cama. Me sentei e a puxei para sentar-se no meu colo. Esperei ela falar.

— Eu já fui casada — ela disse, não falei nada, esperei continuar. — E, também, engravidei; quando soube que ia ser mãe, foi o dia mais feliz da

minha vida, cada mês que passava era uma felicidade a mais. Quando completei cinco meses, senti contrações, fui para a maternidade, fiz uma cesariana, mas o meu bebê viveu apenas uma hora, e foi essa hora que me fez a mulher mais feliz do mundo e, também, a mais triste. Eu não fui mais a mesma. Me separei, mudei de cidade. Quando a sua filha me chamou de mãe, tudo o que eu vivi na época, voltou. A palavra mãe sempre vem com um vazio para mim. Mas quando ouvi dos lábios daquela pequena, me fez feliz. Eu me emocionei, se o meu bebê tivesse sobrevivido, ele teria um ano também — ela terminou de falar e deitou a cabeça no meu ombro, eu a abracei forte, tentando aliviar a sua dor. Antes, eu não podia medir o tamanho do seu sofrimento, mas hoje, como pai, sei bem a dor que ela está sentindo.

— Única coisa que posso te dizer nesse momento é que eu entendo a sua dor. E sei que nada nem ninguém vai conseguir apagar isso. Mas quero que saiba que estou aqui para o que você precisar. Você é linda, inteligente, eu sei que essa não é a hora, mas eu não sei fazer isso de outra forma, pois nunca fiz antes. Letícia Alcântara, você quer namorar comigo? — Ergui o meu olhar esperando a sua resposta. Ela enxugou as lágrimas e sorriu.

— Você tem certeza disso? Você não está fazendo isso só porque eu te contei a minha história, não é, Dalton? — Me levantei com ela em meu colo e a coloquei em cima da cama, deitada. Em seguida, fiquei por cima dela.

— Claro que não, estou fazendo isso porque eu estou apaixonado por você. E, quando um homem se apaixona, ele fica bobo, mas não espalhe isso na minha empresa, lá eu tenho que ser durão, temido — falei, inalando o cheiro do seu pescoço.

— Apaixonado? Você está apaixonado por mim? — Letícia colocou as mãos em volta do meu pescoço, me puxando para a sua boca, ela me beijou com ousadia, nossas línguas brincavam uma com a outra, meu pau começou a crescer, eu estava ficando excitado. Mas ela parou o beijo. Gemi em frustração.

— Eu também estou apaixonada pelo meu chefe, e não sei se isso é bom, porque eu adoro o meu emprego, é certo que ele é um ogro, mas é tão lindo. Não resisti ao seu charme — disse, brincando. — Eu aceito namorar com você, Dalton — por fim, ela disse, fazendo meu coração acelerar dentro do peito.

Estava quase tirando a roupa de Letícia quando ouvi uma batida na porta. A babá eletrônica indicava que a minha filha tinha acordado, eu estava sem condições de atender a porta. Letícia ajeitou o vestido e foi abrir. Era Nazaré dizendo que o buffet tinha acabado de trazer o bolo para a festinha da Lis e que a piscina de bolinha já estava sendo montada. Letícia avisou que já estávamos indo. Ela foi para o quarto da Lis. Logo atrás, Lis já estava com o seu vestidinho de princesa Rosa, uma tiara da mesma cor. Fomos para a

varanda, onde as coisas já estavam arrumadas, os balões rosas, o bolo, alguns salgadinhos, refrigerantes.

Lis, quando viu o pula-pula, quis logo brincar. Coloquei-a dentro, também contratei um fotógrafo para registrar todos os seus momentos. Quando ela cansou, fomos cantar os parabéns, minha avó estava sentada toda animada, comendo salgadinhos. Lis começou a cutucar o bolo e levar a mão na boca, ela já estava ficando toda suja e me sujando também. Quando cantamos os parabéns, ela começou a gritar animada.

Fiquei pensando, se a mãe de Lis não tivesse tomado a decisão de me entregar ela, nunca que eu viveria esses momentos tão alegres ao lado dessa pequena bagunceira.

Começamos a abrir os presentes: da bisavó, ganhou uma pulseira com o seu nome; da Letícia, um urso enorme de pelúcia, e do papai babão, todo amor do mundo e uma boneca quase do tamanho dela, e foi o que ela mais gostou, mas depois esqueceu o presente e foi pular no pula-pula. Umas sete horas ela cansou e foi dormir, Letícia e eu também fomos para a cama, mas dormir não era bem o que iríamos fazer. Eu estava planejando uma noite de sexo quente com a minha namorada.



CAPÍTULO 13

LETÍCIA ALCÂNTARA

Após cantar os parabéns e ficar brincando até que Lis se cansasse e fosse dormir, ela brincou tanto na sua piscina de bolinha, Dalton me pediu para dormir na casa dele. Eu aceitei, depois que contei a minha história para ele, me sinto livre para viver o que tiver de viver com Dalton. Entramos no quarto e resolvi tomar um banho, estava toda grudenta, Lis enfiava a mão no bolo e depois queria vir para o meu colo, por isso fiquei toda suja. A pequena se divertiu tanto.

Assim que saí do banheiro, Dalton estava deitado na cama, ele já tinha tomado banho antes. Quando me viu, sorriu. Nervosa, me deitei do lado dele, que se virou para o lado, tomando a minha boca em um beijo. Sua língua invadiu a minha boca, sua mão desceu para baixo, passando pelas minhas coxas até chegar a minha intimidade, arfei quando um de seus dedos passou

por cima do tecido da minha calcinha, alisando devagar. Há muito tempo eu estava sem sexo, logo, o meu corpo ficou quente. Sem pensar, subi em Dalton e senti o seu sorriso. Ele se ajeitou, escorando as costas no encosto da cama, suspendi os meus braços para ele tirar a minha camisola. Notei que ele estava nu quando seu pau cutucou a minha boceta, e percebi que era grande. Gemi quando a sua boca rodeou um dos meus mamilos, me fazendo jogar a cabeça para trás, sentindo o prazer me dominar, seus olhos me olhavam, olhos cheios de desejos.

Puxei a minha calcinha, jogando para o lado, Dalton pegou um preservativo na gaveta da mesinha que ficava ao lado da cama, olhei para as suas mãos massageando o seu pau grande para cima e para baixo, sentia a minha boceta pulsar querendo logo ele todo dentro de mim. Ele rasgou o preservativo e foi desenrolando em seu pau. Assim que acabou, segurou na minha cintura me trazendo mais para perto, me beijando com tanto desejo, sua língua desceu pela pele do meu pescoço, mordendo e chupando. Devagar, me posicionei e desci fazendo o seu pau entrar na minha boceta. Dalton mordia o bico do meu seio e apertava a minha cintura, e eu encontrei um ritmo subindo e descendo. Eu já sentia o orgasmo chegando.

Dalton trocou as nossas posições, agora ele estava por cima de mim, metendo duro e forte. Enquanto metia, procurava a minha boca, eu já estava no ponto de gozar, mas queria aproveitar mais o momento, me segurei mais

um pouco, mas foi inevitável quando ouvi o seu urro de prazer bem perto do meu ouvido, ele estava gozando e me levou junto.

Assim que terminou, continuou se movimentando bem lentamente, começou a me beijar, em seguida, abriu os lindos olhos azuis e sorriu. Era um sorriso de satisfação, o meu chefe não estava acostumado a sorrir dessa maneira, mas, para mim, ele sempre dava os mais lindos sorrisos. E me deixava com o coração transbordando de amor.

Dalton saiu de dentro de mim tirando o preservativo e indo jogar no lixo do banheiro. Fiquei olhando a sua bunda perfeita, mas fui pega no flagra quando ele se virou de repente.

— Gosta do que vê, senhorita Letícia? — disse quando voltou para cama.

— Gosto, e gosto muito. Aliás, eu gosto de tudo. — Ele gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— Então vamos ter que fazer tudo de novo. Porque eu gostei pra caralho dessa sua boceta gostosa. — Não sabia que o meu chefe tinha a boca suja. Mas gostei. Apesar das minhas bochechas esquentarem.

A babá eletrônica indicou que Lis estava acordando. Dalton colocou a cueca e vestiu o roupão, coloquei a minha camisola e o segui até o quarto da

pequena. Ela estava acordando para tomar o seu leite. E Dalton foi até a cozinha preparar, ele já sabia fazer.

Abri a porta do quarto dela e vi a pequena sentada em seu berço coçando os olhinhos. Eu já amava essa criança como se fosse minha filha. Ela me chamava de mamãe. Isso me deixava emocionada.

— Oi, meu amor. — Ela sorriu.

Aproveitei e troquei a sua fralda. Quando seu pai chegou com a mamadeira, pus Lis de volta no berço, ela se deitou para tomar a mamadeira, já fazia isso sozinha. Ficamos observando-a até que terminou de mamar e dormiu novamente. Como o pai era um babão, ficou olhando a cria, ele me abraçou e voltamos para o quarto.



Pela manhã, acordamos, antes fizemos sexo matinal, eu poderia muito bem me acostumar com isso. Na verdade, foram mais de cinco vezes pela madrugada, duas vezes pela manhã, e uma no banheiro, tomamos banho juntos. Falei para Dalton que ia para minha casa, me arrumar, e de lá ia para a empresa, mas ele fez questão de me levar até em casa e me esperar para irmos juntos para o trabalho, eu queria dizer que não, sei bem que ele quer

que eu suba com ele pelo elevador principal, mas não quero que ninguém saiba do nosso namoro por enquanto.

A babá da Lis já tinha dado banho nela, ela já estava toda arrumada, sentada em sua cadeirinha comendo. Fui até ela e beijei a sua cabeça. Dalton fez o mesmo, ela levanta a mãozinha tomando benção dele, a bisavó que ensinou. Depois foi na direção da avó e beijou o seu rosto. Ele era tão família, amava tanto a avó e tinha muito respeito por ela.

— Eu e Letícia estamos namorando, vó — disse após tomar um gole de café. Dona Adele sorriu, pegou nas nossas mãos e disse:

— Que Deus e Nossa Senhora abençoe esse namoro. Estou muito feliz, filho, Letícia é uma grande mulher, além de linda. Desde que a vi, sabia que isso ia acontecer. — Dona Adele sempre dá um jeito de me fazer ficar emocionada.

— Linda é você — falei, beijando o seu rosto.

Nos despedimos de Lis, que chorou querendo vir conosco, meu coração até doeu. Entramos no elevador e Dalton deu um jeito de me agarrar. Ele disse que poderíamos até fazer sexo dentro do elevador, mas eu não quis, morro de medo de ser filmada e ter a minha intimidade exposta na internet.

Assim que chegamos em frente de casa, saí do carro para ir me arrumar, Dalton ficou no carro em uma ligação, não demorei muito e retornei

com a bolsa com algumas peças de roupas, Dalton me convenceu a passar mais um final de semana com ele.

Chegamos à empresa e brigamos ainda no estacionamento.

— Eu irei pelo elevador de serviço como os outros funcionários — disse, séria.

— Você vem comigo pelo elevador privativo — afirmou, segurando a minha mão. Bufei, puta da vida com ele. Era tão teimoso e mandão.

Entramos no elevador, fiquei em silêncio, ele me olhou e percebi que queria sorrir. Mas se negou, pois sabia que não ia ser nada bom para ele. Quando o elevador parou no andar do escritório, saímos. Dalton segurou na minha mão, alguns funcionários transitavam pelo corredor, quando nos viram, ficaram surpresos, mas logo, com o olhar que o Dalton deu, todos voltaram a seguir os seus caminhos. Nessa hora eu quis me afundar dentro de um buraco, com certeza eu serei o assunto na hora do almoço.

Fiquei na minha mesa e ele foi para a sua sala. Parou de repente e disse:

— Senhorita Letícia. — Olhei para ele esperando falar. — Venha até a minha sala. — E seguiu andando. Revirei os meus olhos e saí caminhando.

Ao chegar em sua porta, bati e entrei.

— Senhor, vamos passar a sua agenda do dia. Hoje o senhor.... — As minhas palavras foram caladas com um beijo arrebatador. Dalton chupou o meu lábio inferior, suas mãos desceram até a minha coxa e, quando foi subindo, tirei. Ele abriu os olhos e parou o beijo.

— Aqui, eu sou a sua funcionária e devo me portar como tal, não quero ser o assunto do dia na hora do almoço, já basta você ter feito o que fez minutos atrás. — Ele ficou sério.

— Ninguém está nos vendo — disse, ajeitando o terno.

— Não estão, mas com certeza devem estar imaginando. Então, acho melhor o senhor se comportar — avisei, fazendo Dalton sorrir, o descarado se aproximou e me beijou, mas foi um beijo calmo.

Em seguida, fui passar a agenda do dia. Antes de sair, ele disse que íamos almoçar juntos. Não tinha nem como negar. Tenho certeza de que ele não aceitaria um não. Meu chefe é muito exigente.



CAPÍTULO 14

DALTON GLOVER

DOIS MESES DEPOIS...

Estava esperando a minha namorada terminar de se arrumar para irmos jantar, era aniversário dela, Letícia estava completando vinte nove anos, só soube por que ouvi a sua conversa na chamada de vídeo com a mãe dela, semana passada. Aliás, conheci a minha sogra por chamada de vídeo, mas já lhe convidei para vir passar uns dias aqui em casa, a minha avó adorou, ela ama conhecer gente nova. Antes de saímos para jantar, a minha avó chamou Letícia na sala, Lis já estava dormindo e pedi à babá que ficasse com ela hoje.

Letícia chegou na sala muito linda, fui na sua direção, ela usava um vestido vermelho que ia até o cumprimento dos seus joelhos, tinha um lado só

das mangas, ela estava fantástica. Beije o seu rosto e fiquei babando na minha mulher, ela estava perfeita e gostosa.

— Vem aqui, filha — minha avó disse. Letícia caminhou até onde ela estava sentada no sofá.

A minha avó pegou uma maletinha e abriu, Letícia olhou para o conjunto de joias que estava dentro. Sua reação era de que não estava entendendo nada.

— Feliz aniversário, Letícia. Durante muito tempo, eu guardei esse conjunto de joias para a mulher que conquistasse o coração do meu neto, demorou muito, achei que nunca teria o prazer de entregar a alguém, pois ele dizia que não iria namorar, casar ou até mesmo ter filhos. Eu sempre achei que isso iria acontecer, pois rezava todos os dias. E isso aqui é seu. — A vovó deu maleta para Letícia, que pegou emocionada.

— São tão lindas, eu não mereço tanto. Eu sei que, se recusar, você irá fazer de tudo para eu aceitar, por isso eu recebo de coração esse presente lindo. Obrigada, Adele. Eu amo você. — As duas se abraçaram emocionadas, ajudei Letícia a colocar as joias, era um conjunto de diamantes, colar, brincos e pulseira, que ficaram perfeitos nela.

Nos despedimos da minha avó e saímos, dessa vez Jairo que estava dirigindo, também tem dois seguranças nos seguindo, pois vamos para o

restaurante um pouco longe.

Segurei a mão da Letícia e levei aos lábios, beijando. Eu não me cansava de olhar para ela. Seu sorriso era tão lindo, seus olhos estavam brilhantes. Ainda não falei que a amava, ela também não, mas hoje faria, essas três palavras estavam na ponta da língua e dentro do meu coração.

Jairo parou em frente ao restaurante, saiu do carro e abriu a porta para Letícia, que saiu, segurei a sua mão e fomos na direção da entrada. Fomos recepcionados e levados para a nossa mesa. Como já sou cliente do lugar, foi mais fácil fazer reserva. Pedi duas taças de vinho. Assim que chegou, começamos a tomar. Eu estava nervoso, pois o que eu iria fazer hoje nunca na minha vida se passava pela minha cabeça fazer um dia.

— Está gostando do lugar, amor? — Letícia deixou a taça de vinho em cima da mesa.

— Estou adorando tudo — falou, segurando a minha mão.

— Você merece isso e muito mais. Vamos pedir o jantar? O que você prefere? Cordeiro ao molho, de entrada?

— É uma boa, ainda mais acompanhado desse vinho.

Pedi o nosso jantar. Assim que acabamos, tirei a caixinha do meu bolso, entreguei na direção da Letícia, que me olhava com os olhos arregalados.

— Abra — pedi.

Letícia abriu a caixinha e dentro tinha um anel, seus olhos avaliaram o meu rosto. Sorri, peguei na sua mão, tirei o anel da caixinha e coloquei em seu dedo.

— Você quer se casar comigo, senhorita Letícia?

— Dalton, isso não se faz. Vou borrar toda a maquiagem. Amor, é sério? Olha as minhas mãos tremendo — disse, mostrando uma das mãos. Lágrimas caíam dos seus olhos. Peguei o lenço e sequei devagar.

— Claro que é sério, anjo. Eu nunca fiz isso na vida e, quando faço, você acha que é de brincadeira? Eu quero me casar com você, quero que seja minha, minha esposa. A mulher que vai me acompanhar nos eventos, a mãe dos meus filhos. A mulher que eu vou amar para sempre.

— Eu aceito, sim, eu quero me casar com você. — Peguei a outra caixa e tirei as nossas alianças.

Semana passada, falei com os *designers* da empresa, e ontem eles me entregaram, os nossos modelos são únicos, exclusivamente para nós. Coloquei a aliança no dedo de Letícia, ela colocou a minha no meu dedo. Tirei uma foto das nossas mãos entrelaçadas. Postei na minha rede social escrevendo: *Para sempre*. Tenho certeza de que amanhã o telefone da assessoria de imprensa da empresa não vai parar de tocar.

Sáímos de mãos dadas do restaurante, como esse local só era frequentado por famosos e celebridades, alguns fotógrafos ficavam do lado de fora, atrás de um furo de reportagem, dei a eles o que eles queriam, beijei com todo o meu amor a minha noiva e flashes foram disparados na nossa direção, em seguida, entrei no carro.

— Seu louco, como que eu vou andar na rua agora? E como vou para casa depois do trabalho? — Olhei para Letícia.

— A minha casa agora é a sua casa. Você é minha noiva agora. Quero você morando comigo desde agora. Amanhã, Jairo passa na casa onde você morava, pega as suas coisas e acerta tudo. — Ela me olhou com aquele olhar de briga.

— Dalton, você é impulsivo — falou.

— Eu te amo — disse, olhando dentro dos seus olhos. Letícia se sentou no meu colo.

— Fala novamente? — Sorri, na verdade, eu estava adorando tê-la em meu colo. Alisei a sua coxa por cima do tecido.

— Eu te amo muito, senhorita Letícia.

— Eu te amo muito também, Dalton.

Entramos no elevador após sair do carro, ficamos nos agarrando, meu pau estava tão duro que eu poderia comer a minha noiva agora dentro do

elevador. Mas ela não se sentia bem. Entramos em casa, carreguei a minha noiva no colo, ainda bem que uma hora dessas a minha avó já estava dormindo.

Arranquei as minhas roupas, tirei a cueca e meu pau pulou para fora, Letícia jogou o vestido no chão, tirou a calcinha, ela fez algo que durante os nossos dois meses de namoro nunca fez. Ajoelhou e colocou a cabeça do meu pau na boca, trinquei os dentes quando a sua língua rodeou a cabeça e chupou, meu quadril começou a remexer, gemia e urrava com a sensação prazerosa. Gozei sentido as minhas pernas tremerem, Letícia lambia o resto de gozo que saía, a levantei e beijei a sua boca, sentindo o meu gosto em sua boca, deitei-a na beirada da cama, abrindo as suas pernas, enfiei a minha cabeça, e comecei a lambar a sua boceta, Letícia gemia, abrindo mais as pernas para mim. Chupei o seu clitóris, lambi toda a sua entrada. Quando senti as suas pernas tremerem, ela gozou, enfiei o meu pau todo dentro dela sentindo o quanto ela estava melada pelo gozo. Gemidos altos escapavam da sua boca, eu estava a ponto de gozar novamente, mas queria que a minha noiva gozasse primeiro, porque eu adorava vê-la fechar os olhos e suspirar. E foi isso que aconteceu, ela gozou gemendo, em seguida, suspirou. Gozei dentro dela, tirei o meu pau da boceta de Letícia, me deitando ao seu lado. Meu coração batia acelerado e a minha respiração se normalizou. Puxei Letícia para mais perto de mim e dormimos abraçados.



CAPÍTULO 15

LETÍCIA ALCÂNTARA

Peguei a revista que estava em cima da mesa do escritório de Dalton e fiquei folheando. Era uma revista sobre celebridades, logo vi uma foto do meu noivo na primeira página e, do lado dele, uma minha segurando Lis no meu colo enquanto Dalton comprava água de coco na barraca. Nesse dia, estávamos passeando no calçadão perto da praia. Eu estava de óculos escuros e Lis, de chapéu. A nota dizia:

CEO das redes de joalheria Imperium Glover está noivo, e a eleita é a sua secretária, Letícia Alcântara. Sortuda ela, não acha? A criança que está em seu colo é fruto do relacionamento relâmpago que ele teve com a modelo em ascensão Kyara Brandão.

Eu não gostava da Kyara por dois motivos. Um, por ela ser tão fria em relação à filha, e outro, por ter abandonado a criança. Eu, como mulher,

jamais faria isso. Mas daí tem o seguinte: ao menos ela não abandonou em um orfanato, deixou com o pai. Para a criança, o pai era um completo estranho. Depois que Dalton me contou essa história, sinceramente eu não consigo gostar dela e nunca mais ela entrou em contato, nem para perguntar se a filha já se acostumou com o pai. Graças a Deus, Dalton é um excelente pai, e Lis está feliz. Fechei a revista e deixei onde estava.

Dalton abriu a porta da sua sala e entrou, estava esperando-o terminar a reunião para irmos juntos para casa, eu não estava me sentindo bem. Estava sentindo muita dor de cabeça, desde semana passada que estou me sentindo assim, e sei bem que, na última vez que tive esses sintomas, descobri que estava grávida. Eu não tomava anticoncepcional e transamos sem camisinha uma única vez quando Dalton me pediu em casamento, e hoje faz um mês que isso aconteceu, das outras vezes, sempre nos prevenirmos.

— Estou sentindo você diferente, está sentindo alguma coisa? — falou, segurando na minha cintura, me dando um beijo nos lábios.

— Precisamos passar na farmácia — disse, pegando a minha bolsa.

— Está certo, está com dor de cabeça? — perguntou, pegando a sua pasta.

— Estou. — Ele ficou me observando, mas não disse mais nada.

Jairo parou o carro em frente à farmácia, Dalton quis me acompanhar, mas disse que faria isso sozinha, ele não insistiu. Entrei na farmácia, pedi rês tipos diferentes de teste de gravidez. Paguei e fui na direção do carro, abri a porta, entrei, Jairo saiu com o carro, entrando no trânsito. Chegamos em casa, fui logo tomar um banho, aproveitaria e faria os três testes agora. Dalton tomou banho e, em seguida, foi para a academia, malhar.

Nas últimas semanas, ele tinha decidido frequentar academia novamente, até me chamou, mas eu sou muito preguiçosa, preferia ficar em casa com Lis. Dalton veio até onde eu estava, me beijou e saiu usando a sua roupa de treino, ele ficou tão bonito. Na minha opinião, ele nem precisava malhar, ele tinha o corpo todo definido.

Fui até o quarto de Lis, ela tinha acabado de acordar, falei para a babá que ela poderia ir embora para a sua casa que a partir de agora eu iria cuidar dela. Levei Lis para o meu quarto, a deixei em cima da cama e fui buscar os testes no banheiro. Me sentei ao lado de Lis, olhando os resultados, os três deram positivos, fiquei pensativa. Lis quis pegar os testes da minha mão, sentei-a em meu colo.

— Você vai ganhar um irmãozinho, ou irmãzinha.

— *Mama...*—ela disse, me fazendo sorrir.

— A mamãe vai ter um bebê, e seu pai ainda não sabe. O que acha de a gente fazer uma surpresa, hein, Lis? — falei animada, pensando no que seria. Lis quis descer da cama, deixei-a no chão, e decidi o que faria.

Chamei Lis para ir até a cozinha, ela saiu na minha frente, arrastando o seu ursinho. No meio do caminho, ela o deixou para trás. Nazaré estava fazendo a janta, assim que me viu, sorriu.

— Dona Letícia, a senhora deseja alguma coisa? — perguntou, parando de mexer na panela.

— Não, só vim saber o que seria a janta, estou faminta, hoje não comi nada. Pra não dizer que não comi, hoje na empresa comi um pedaço de bolo na copa.

— Dona Adele me pediu para fazer uma sopa de legumes, ela sempre pede para o jantar dela. Mas também temos estrogonofe, seu Dalton pediu para o jantar. Mas se a senhora quiser algo diferente, posso fazer — falou, amorosa.

— Eu acho que vou preferir um pouco dessa sopa, está cheirando tão bem, tenho certeza de que Lis também quer — respondi, pegando um prato.

Coloquei Lis em meu colo e comecei a esfriar um pouco da sopa para dar para ela. O jantar ia demorar um pouco, a sopa estava deliciosa, ainda

estava na cozinha quando Dalton entrou, ele tinha tomado banho. Ele sorriu e se aproximou.

— Fui até o quarto de Lis e não encontrei vocês, achei que estivessem fugindo de mim. — Beijou a cabeça da filha, em seguida, me beijou.

— Sentimos o cheiro delicioso da sopa que Nazaré estava preparando para a sua avó e viemos provar um pouco. Não é, Lis? — Lis bateu palminhas e pediu mais.

— Estou achando você melhor. Estava preocupado com você — falou sorrindo, Dalton ainda não sabia, mas eu estava carregando o fruto do nosso amor no meu ventre.

Terminamos de tomar a sopa, peguei o prato e fui lavar. Nazaré reclamou, mas eu sujei, então eu tinha que lavar. Dalton carregou Lis no colo e fomos para a sala. Lis brincava com os seus brinquedos, Dalton estava com os braços ao redor do meu corpo, eu estava com a cabeça apoiada em seu ombro, estávamos assistindo ao jornal. Dona Adele apareceu para jantar, ela estava se recuperando de uma gripe. Não ficava muito perto da bisneta. Era tão cuidadosa com Lis, sempre se preocupando com a saúde da pequena.

— Boa noite, meus amores. Não irei jantar com vocês, vou tomar a minha sopinha e ir dormir. Esses remédios me dão tanto sono.

Dalton foi até ela lhe dando um abraço e beijando o seu rosto. Não me cansava de admirar o seu gesto de carinho com a avó, ele era tão cuidadoso com a sua ela. Sempre preocupado. Ela acenou para Lis que queria ir atrás da bisavó, mas Dalton a segurou.

Quando deu por volta das sete e meia, jantamos, em seguida, fomos colocar Lis para dormir. Antes, eu lhe entreguei um dos teste que fiz e disse para ela entregar para o papai. Ela fez direitinho e ainda ficou esperando olhar. Os olhos de Dalton me avaliaram, seus olhos ficaram marejados, ele tinha entendido e ficou sem acreditar. Logo, Lis gritou, querendo o teste de volta. Ele pegou a pequena no colo e veio para perto de mim.

— É sério, amor? É o que eu estou pensando? — disse, abraçado a mim.

— Sim — falei, emocionada. — Você vai ser pai novamente.

Dalton não sabia se sorria, pulava ou chorava, a reação dele foi tão engraçada, ele parecia uma criança. Se ajoelhou com Lis em seus braços e beijou a minha barriga, Lis fez o mesmo, ela sempre imitava o pai.

— Aqui dentro, filha, tem um irmãozinho para você — falou como se Lis entendesse alguma coisa. Ela ficou apenas olhando para ele.

Depois se levantou e me beijou. Lis começou a gritar, nos fazendo sorrir.

Depois que nossa menina dormiu, fomos para o nosso quarto. Tirei o roupão e fiquei apenas de camisola, antes, fui ao banheiro escovar os dentes e passar um hidratante no corpo. Ao retornar para a cama, meu noivo estava deitado. Me deitei ao seu lado, sentindo o seu perfume.

— Está pensando em quê? — Ele estava sério.

— Em você, no nosso filho, na Lis. De como em menos de um ano a minha vida mudou completamente. Eu te conheci, Lis apareceu na minha empresa, e a melhor coisa foi eu ter ficado com ela. Sem a minha filha, eu não seria nada. Ela me ensinou tanta coisa. E você também me ensina a cada dia ser um homem melhor. Eu te amo tanto, nem imagino a minha vida sem você —Dalton disse, me beijando.

Suas mãos foram para a minha barriga e ficaram paradas, acho que ele queria sentir o filho, me emocionei, mesmo não dando para sentir o bebê mexer, mas nós sabíamos que ele estava dentro de mim. E já amávamos tanto esse pequeno ser.



CAPÍTULO 16

DALTON GLOVER

Quando soube que Letícia estava grávida, não teve como não me emocionar. Eu não vivenciei a gestação da minha filha Lis, não pude escutar o seu coração através do ultrassom, não senti ela chutar pela primeira vez. Na gravidez da Letícia, vou vivenciar isso tudo. Ela já está com cinco meses, e hoje vamos descobrir o sexo do bebê, pois mês passado não deu para saber, ele estava com as pernas cruzadas. Percebi que me tornei um homem mais cuidadoso, já pedi ao pessoal do RH para contratar outra secretária quando a minha mulher for dar à luz ao nosso filho, pois agora ela decidiu que vai trabalhar até os sete meses. Mesmo eu fazendo de tudo para ela ficar em casa. Ela me disse que gravidez não é doença.

Estacionei o carro em frente à clínica particular, saímos, peguei na mão da minha mulher e entramos. Na recepção, informamos os nossos nomes.

Ficamos aguardando a nossa vez de entrar, eu estava tão ansioso, todos os dias conversava com o meu filho, eu acredito que seja um menino, todas as vezes que ele ouve a minha voz começa a chutar. Lis, quando acorda, quer logo beijar o irmãozinho. Ela está tão esperta, ajuda a mamãe quando ela está muito enjoada. A minha filha ganhou uma mãe maravilhosa que está sempre presente em sua vida e a ama com todo amor.

O nome da Leticia foi anunciado e entramos na sala da doutora Raquel. Nos sentamos depois de cumprimentar a médica simpática que acompanha o pré-natal, é uma das melhores obstetras da cidade.

— Então, como está essa gravidinha linda? Hoje esse bebê vai ter que se mostrar, não é possível que seja tão teimoso.—Ela disse, nos fazendo rir. A teimosia, eu sei para quem ele vai puxar. A mãe é muito teimosa. Nem ousei falar, apenas pensei.

— Enjoada e esfomeada. Devo ter engordado mais de cinco quilos —
— Leticia reclamou. Apertei a sua mão, sempre deixando claro que estava com ela. E que ela estava a mulher mais linda desse mundo.

— E choro por qualquer motivo, não é, amor?—concordei, me recordando do dia que ela chorou assistindo à Galinha Pintadinha com Lis.

— Hoje ele passou o dia chutando e me prometeu que iria se comportar hoje, não é, filhão?—disse, alisando a barriga da minha mulher.

— Pela forma de falar, acho que o papai já tem uma preferência. Vem, vamos logo descobrir se é menino ou menina para acabar com esse suspense todo—doutora Raquel disse, se levantando. Seguimos ela até uma divisória onde fazia o exame.

Letícia se deitou com a barriga à mostra, eu não me cansava de olhar a sua barriga grande. Doutora Raquel começou a examinar e logo o coração do meu filho começou a ecoar pelo monitor, era o som mais lindo que eu já tinha ouvido na minha vida. Meu coração completamente alegre começou a acelerar. Todas as vezes que eu vinha para a consulta com a minha mulher, eu me emocionava, não tinha como se emocionar, eu estava prestes a casar e já era pai de duas crianças lindas, que eu era apaixonado, eu era um pai babão mesmo.

Sempre acompanhei Letícia nas consultas, se tiver algum compromisso no dia, deixo para depois. A minha família vem sempre em primeiro lugar.

— Olha que maravilha, descobrimos o sexo. Estão prontos, papais? □

Olhei para Letícia, sorrindo.

—Sim—falamos juntos.

— É um garotão, é está crescendo muito, já está com um pouco mais de dois quilos, até os nove meses vai ganhar mais quilos ainda. Está tudo bem com o bebê. Podem preparar o enxoval, é um menino.

Depois, beijei Letícia e agradecer a ela por esse momento de felicidade.

Doutora Raquel prescreveu algumas vitaminas para Letícia e um remédio para enjoo. Disse também que ela poderia fazer algumas atividades físicas, como natação, caminhada.

Saímos da clínica e fomos para casa, Letícia estava planejando arrumar o quarto do bebê, mas só queria tomar a decisão quando soubesse o sexo. Olhei para ela, que falava sem parar dos filhos.

— O que foi, amor?—disse quando paramos no sinal.

— Eu te amo tanto e, vendo você planejando as coisas dos nossos filhos, só me faz te amar mais ainda, eu sempre tive a certeza de ter encontrado a mulher da minha vida, você é perfeita para mim.—Ela sorriu, passando a mão no meu rosto, em seguida, beijou os meus lábios. O sinal abriu e saí com o carro, o telefone começou a tocar.

— Mãe, eu iria te ligar agora, a senhora vai ser avó de um menino. Agora temos um casal. Você chega amanhã, eu sei. Pode deixar que Jairo vai te buscar no aeroporto. Tchau, mãe, te amo.

Deixei Letícia em casa e, após o almoço fui para a empresa. Como está se aproximando o final do ano, estamos trabalhando na próxima coleção,

quero algo mais delicado, pensei em lançar uma coleção de joias infantis em homenagem aos meus filhos.

Juan e os outros funcionários me parabenizaram quando eu contei que seria pai de um garotão e que eu e Letícia estávamos bastantes felizes. Quando deu por volta da dezessete e trinta, saí da empresa e pedi a Jairo que passasse na floricultura, queria comprar flores para a minha esposa.

Ao chegar no condomínio, peguei o buquê de rosas brancas e entrei no elevador. Entrei em casa e estava um total silêncio, com certeza a minha avó já estaria em seu quarto. Deixei a minha pasta em cima do sofá e fui na direção do nosso quarto, ao abrir a porta, encontrei as duas mulheres da minha vida assistindo a desenhos e comendo pipoca. Quando elas notaram a minha presença, sorriram contente.

— *Papai.*—Minha filha se levantou, pulando em meu colo, me abraçando, depusitei vários beijos nela, que sorria pelas cócegas que a minha barba rala causava em sua pele. Em seguida, me sentei e beijei a minha mulher, sentindo o gosto de pipoca na sua boca, era pipoca doce. Entreguei as flores para ela.

— Obrigada, amor, é alguma data especial?—perguntou, franzindo a testa.

— Eu não preciso de data especial para presentear você, anjo. Para mim, todos os dias são especiais porque você está comigo.—Nos beijamos e Lis começou a reclamar, pois estávamos apertando-a.

— Eu te amo—falei.

— Eu também te amo muito, amo muito essa pequena garotinha linda.— Lis começou a pular na cama, fazendo as pipocas se espalhar pela cama. Fiquei olhando para elas, sorrindo felizes. Eu não queria mais nada além disso.



CAPÍTULO 17

LETÍCIA ALCÂNTARA

QUATRO MESES DEPOIS...

Eu já tinha completado nove meses de gestação e só estava esperando o meu bebê nascer. Optei pelo parto normal, mas Dalton tentou me fazer mudar de ideia, dizendo que a cesariana era o melhor. Contudo, eu já tinha tomado a minha decisão. Era de madrugada, me levantei pela décima vez para fazer xixi quando a bolsa estourou. Eu não podia me mexer na cama que Dalton despertava e me perguntava se estava tudo bem. Assim que me levantei, ele acordou e acendeu a luz do abajur. Quando me viu de pé e com água escorrendo pelas minhas pernas, deu um pulo da cama.

— Meu Deus, amor, o bebê vai nascer — disse, indo na direção do guarda-roupa, trocando de camisa, vestindo uma calça jeans, pegou os sapatos e os calçou apressadamente.

— Vamos para a maternidade, vou ligar para a doutora Raquel, avisando que nosso filho vai nascer. Temos que acordar a sua mãe para olhar Lis — disse, pegando na minha mão, e senti as suas mãos frias. Ele estava nervoso.

— Dalton, se acalme — falei e gemi sentindo a primeira contração.

— Está vendo, você não está bem. Precisamos chegar logo na maternidade. — Seus olhos aflitos me analisaram, ele pegou o celular na mesinha.

— Jairo, se prepare, Letícia já está sentindo as dores do parto. Logo iremos para a maternidade — disse, encerrando a ligação.

— Você, por favor, fique calmo, amor. Agora me ajude a trocar de roupa. Preciso de uma calcinha limpa e uma camisola.

Após trocar de roupas, fomos até o quarto de hóspedes, onde a minha mãe estava dormindo, Dalton também precisava avisar a avó dele.

— Mãe — chamei, tocando o seu ombro. Ela me olhou e logo se pôs sentada na cama.

— Oi, filha. Aconteceu alguma coisa? — falou com a voz preocupada.

— A hora de ir para a maternidade chegou, mamãe. Preciso que a senhora olhe a Lis, a babá dela só vem pela manhã. Se ela acordar agora,

pode dar o leite para ela. Vou deixar a babá eletrônica aqui do seu lado — disse, sorrindo, sentindo um pouco de dor nos quartos.

— Vai com Deus, minha menina, e que a nossa Senhora do Bom Parto lhe acompanhe. Que o meu neto nasça com muita saúde — disse, me abraçando.

Depois que saímos do quarto da mamãe, Dalton foi avisar a sua avó, eu já estava sentindo muitas contrações. Saímos do elevador, Dalton carregava as bolsas e segurava a minha mão, a cada contração eu parava para tentar me recuperar. Entrei no carro, e ele foi atrás comigo me dando forças.

Chegamos à maternidade às quatro da manhã, a equipe médica já estava toda preparada, a doutora Raquel me acompanhou até a sala de parto. Logo, meu marido entrou vestido com a roupa apropriada para acompanhar o parto.

— Acabei de fazer o toque e está na hora do bebê nascer. Vamos lá, Letícia? Preciso que faça muita força, tudo está correndo bem. Agora é com você, mãezinha. Vamos colocar o seu filho no mundo.—Dalton segurou na minha mão, eu estava toda suada e sentia muita dor, não pude evitar que as lágrimas descessem pelas minhas bochechas. No comando da doutora Raquel, fiz muita força, mas ainda não era o suficiente.

— Não acha que uma cesariana seria melhor, doutora?—Dalton perguntou com a voz sofrida.

— Não tem necessidade, logo o bebê vai nascer, já estou vendo a cabecinha dele. Vamos mais uma vez fazer força, agora ele vem.

Segurei com forças na mão de Dalton e empurrei, logo ouvimos um chorinho. Era o nosso filho que tinha nascido. Dalton olhava para o bebê em cima de mim e chorava, era um manino grande e chorava alto. O cordão umbilical foi cortado, a enfermeira mostrou o nosso filho, em seguida, o levou. Mas fomos avisados que logo ele iria para o quarto com a gente.

— Está tudo bem? Está sentindo dor?—Dalton limpava a minha testa enquanto me perguntava.

— Estou feliz, apenas. O nosso filho nasceu, o nosso Dalton Júnior.— Meu marido abriu o mais lindo sorriso, beijou os meus lábios e me agradeceu.

Fui para o quarto e vi o meu filho no bercinho ao lado da minha cama. Meus seios estavam cheios de leite e um tanto doloridos. A enfermeira me entregou o meu filho todo vestido com uma das roupinhas que trouxemos para a maternidade.

— Agora você precisa alimentar o seu filho—ela disse, colocando em meu colo aquele serzinho tão pequeno, mas que estava me fazendo a mulher mais feliz do mundo. Ele se mexeu e começou a chorar. Dalton se sentou ao meu lado na cama, não cansava de admirar o filho.

Depois que o amamentei e Dalton trocou a fralda do nosso filho, as enfermeiras ficavam admiradas porque ele era o único pai na maternidade que sabia trocar fraldas e dar banho. Depois que Júnior dormiu, Dalton me ajudou a tomar um banho e trocar de roupas, em seguida, fui me alimentar, ele tinha mandado trazer frutas e sucos. Depois de me alimentar, dormi, estava exausta.



Chegamos em casa depois de dois dias na maternidade. Assim que entrei, Lis, dona Adele e a minha mãe estavam nos aguardando. Me sentei no sofá após beijar e abraçar a minha filha, eu estava morrendo de saudades dela. Dalton colocou o bebê conforto em cima do sofá e tirou o nosso filho, sentando-se com ele ao meu lado. Lis se aproximou e ficou olhando para o pequeno bebê dormindo, logo ele começou a se espreguiçar, mas dormiu novamente. Dona Adele e minha mãe estavam emocionadas.

— Esse é o seu irmão, filha. O nome dele é Dalton Júnior, que nem o do papai—Dalton disse, tocando o rostinho da filha, que não tirava os olhos do irmão. Ela sorriu, Dalton pegou a mãozinha dela e levou até o rosto do irmãozinho. Ele chorou um pouquinho, fazendo Lis dar risada.

Dona Adele pegou um pouquinho o bisneto no colo, em seguida, entregou um presente para ele. Abri a caixinha e dentro tinha uma pulseira de ouro com o nome do bisneto, assim como ela deu uma para Lis, deu também

para Júnior. Em seguida, levamos o bebê para o seu quarto, Dalton o deitou ele em seu berço e ficamos olhando o nosso filho dormindo. Lis pediu para ir para o colo do pai. Ficamos os três admirando o mais novo membro da família.

Dalton me abraçou, beijou a minha cabeça e disse que me amava muito. Sorri para ele, afirmando a mesma coisa. Hoje, sim, eu me sentia completa e realizada. Tinha um marido maravilhoso, que me fazia a mulher mais feliz do mundo, e tinha os meus filhos ao meu lado. Suspirei, sentindo a felicidade me abraçar.



EPÍLOGO

LETÍCIA ALCÂNTARA

DOIS ANOS DEPOIS...

Abri os meus olhos e me deparei com o café da manhã sendo servido na cama. Olhei para o meu marido, que estava com os cabelos molhados e usava o roupão do hotel. Ele sorriu aquele sorriso que me faz derreter por ele e sempre me deixava molhada, estamos casados a um ano e meio e me sinto como se ainda namorássemos, ele age da mesma maneira de quando éramos namorados. Faz surpresa quando completamos mais um ano de casamento, quando faço aniversário, e todos os dias me traz flores.

Estes pequenos gestos me fazem sempre lembrar do nosso casamento, como quando soube que as nossas alianças eram exclusivas e que foram desenhadas por ele, e os *designers* da empresa que fizeram, no dia do nosso casamento, ele tinha mandado pôr os nossos nomes nas alianças. Também me

lembrei do seu voto de casamento, fazendo a metade da igreja chorar. Alguns funcionários que eu fiz amizade estavam na cerimônia, Juan também estava, a minha mãe. Dona Adele convidou as amigas *socialites*.

Diferente do aniversário de Lis, ele fez o nosso casamento parecer um evento. Me casei na igreja de São Cristóvão, coisa impossível de acontecer se o meu marido não fosse Dalton Glover.

Por ser um CEO de sucesso, ele foi convidado a palestrar em um dos maiores eventos aqui no Brasil. Deixamos as crianças com a minha mãe, Lis já está com três anos, já frequenta a escolinha, e Júnior está com um ano. Ontem Lis estava nos perguntando quando iríamos voltar para casa, pois ela estava sentindo a nossa falta. Por mim, eu teria trazido os dois, mas o meu marido disse que as crianças iriam ficar entediadas, pois seria um evento voltado para os melhores empresários, e eu teria que acompanhá-lo todas as noites.

Depois do café, Dalton deixou a bandeja em cima da mesinha e se deitou, tirando o roupão, percebi que ele não usava nada por baixo. Quando percebi que estava olhando para ele completamente nu, focando mais no seu pau, sorriu de maneira safada. Ele se deitou, me fazendo ficar por cima dele, senti o seu pau endurecendo quando tocou a minha vagina, eu sempre dormia sem roupas.

Dalton colocou a mão na minha nuca, me puxando para um beijo. As suas mãos desciam pelo meu corpo, alisando a minha pele. Comecei a subir e descer, arrancando gemidos do meu marido. Sempre que estava por cima, gostava de ficar olhando as suas feições. Dalton mordia os lábios, fechava os olhos, isso me deixava completamente excitada. Com um gemido alto, ele gozou, abrindo os olhos dando um sorrisinho de lado. Baixei o meu corpo e o beijei, suas mãos na minha cintura ditavam um ritmo, cheguei ao orgasmo chamando o seu nome. Com as testas colocadas, as nossas respirações foram se normalizando. Sussurrei o quanto eu o amava.



Meu celular vibrou com uma mensagem de Dalton, apressada, peguei o aparelho e visualizei a mensagem. Ele estava no bar do hotel, me esperando descer. Ele desceu antes e disse para eu não demorar.

Me olhei no espelho, ajeitando o meu vestido. Estava usando um vestido longo que havia ganhado do meu marido, ele tinha uma fenda que ia até o joelho e deixava as costas nuas. Terminei de passar o batom, peguei a minha bolsa, colocando o meu celular dentro. Assim que ia abrir a porta, me deparei com Clara sorrindo, ela já ia bater quando abri. Ela e o marido

também estavam hospedados no mesmo hotel, Alessandro também foi convidado para a palestra.

— Achei que já estivesse lá embaixo—disse, saindo fechando a porta em seguida. A cumprimentei com dois beijos no rosto.

— Que nada, o meu marido já me mandou duas mensagens reclamando da demora. Nossa, você está linda!—elogiou, me analisando.

— Olha quem fala, você também está linda—falei, olhando para ela, em seguida, começamos a caminhar para o elevador.

Clara e eu andávamos apressadamente quando esbarramos em alguém. Ao nos virar, nos deparamos com uma mulher linda. Clara, sem graça, se desculpou pelo pequeno incidente. Notei que ela não entendeu e começou a falar inglês. Ela não era brasileira, era americana. Como eu e Clara falávamos inglês, perguntamos o nome dela, que se chamava Bella.

Ela e o marido eram de Nova York, ele era CEO da Popcorn, uma empresa de pipocas que eram as melhores, sempre comprava para fazer quando fôssemos assistir a desenhos com as crianças.

Ela nos contou que o marido iria discursar também. Bella disse que também iria para o bar do hotel, pois o seu marido estava lá, e fomos juntas com ela, pois Alessandro e o meu marido estavam nos aguardando.

Assim que Dalton pôs os olhos em mim, se levantou, deixando o copo de bebida em cima do balcão. Ele se aproximou mais de mim e sussurrou em meu ouvido o quanto eu estava linda e gostosa usando esse vestido. Os pelos da minha nuca se eriçaram todos, me deixando com vontade de tê-lo todo dentro de mim. Todas as vezes que ele falava perto do meu ouvido, eu sempre ficava excitada.

Olhei para o meu marido sorrindo, ele era o mais lindo de todos, sua postura de homem sério, homem de negócio, sempre deixava mais apaixonada por ele. Não pude deixar de pensar no quanto eu era uma sortuda por tê-lo na minha vida.

**CONFIRA OS OUTROS DA
SÉRIE CHEFE & BEBÊ**

Eu, meu
CHEFE
e o Bebê

SÉRIE CHEFE & BEBÊ - LIVRO 1

SARA ESTER

LIVRO 1 – Eu, meu chefe e o bebê (SARA ESTER)

◆◆ CONTÉM PITADA HOT!

SINOPSE:

O que você faria se seu chefe, simplesmente, aparecesse com um bebê e implorasse sua ajuda para cuidar da criança?

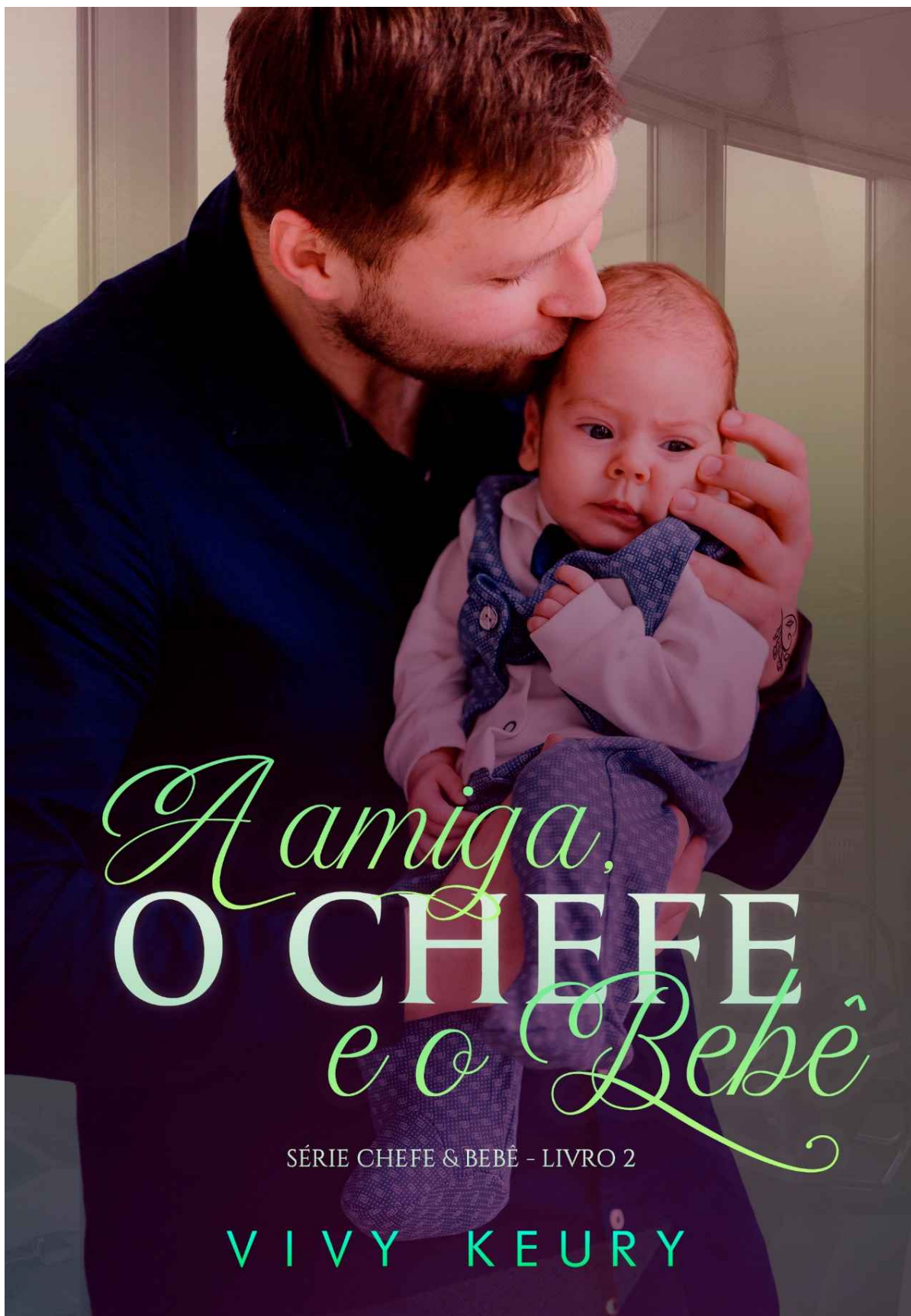
Bella não era exatamente um exemplo de dona de casa, muito menos de paciência com assuntos que não tinham a ver com seu trabalho, entretanto, Thomas Willians — seu chefe — tinha um ponto a seu favor: ela era completamente apaixonada por ele.

Então quando o pequeno Anthony foi deixado em sua porta de uma hora para outra, Thomas se desesperou. Ele era o pai, mas não fazia a menor ideia de como cuidar de um bebê.

Seria errado pedir a ajuda da sua assessora?

E se, com o passar do tempo, ele comesse a desejar que sua assessora se tornasse a mãe do seu filho?

LIVRO 2 – A amiga, o chefe e o bebê (VIVY KEURY)



A amiga,
O CHEFE
e o Bebê

SÉRIE CHEFE & BEBÊ - LIVRO 2

VIVY KEURY

◆◆ CONTÉM PITADA HOT!

SINOPSE:

ALESSANDRO ROCHA é dono de uma grande rede de lojas voltada para noivas. Prestes a completar trinta e um anos, vê seu negócio alavancar, entretanto, isso não é suficiente para completar o vazio de seu coração. Quem acompanha sua vida através da mídia não imagina o que passou em sua infância, algo que, mesmo que quisesse, jamais conseguiria esquecer.

Vinda de uma família pobre, **CLARA** sente-se orgulhosa pela profissão que exerce. De tudo o que pensou em conquistar na vida, faltavam apenas dois itens na lista: casar-se e formar uma linda família.

O que nenhum deles contava é que suas vidas mudariam após passarem uma noite — não planejada —, juntos, desencadeando uma séria consequência: um bebê!

Como eles vão lidar com esta descoberta inesperada?

AGRADECIMENTOS:

A você leitor que chegou até aqui, muito obrigada por ter dado uma chance a minha história. Espero que Dalton Glover e Letícia Alcântara tenha tocado o seu coração. O livro 1, e o livro 2 da série Chefe e Bebê já foram lançados, as histórias são independentes.

CONFIRA MEUS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS:

SÉRIE VIZINHOS COMPLETA NA AMAZON

[APAIXONADA PELO VIZINHO. LIVRO 1](#)

[GRÁVIDA DO VIZINHO. LIVRO 2](#)

[CASEI COM O VIZINHO. LIVRO 3](#)

REDES SOCIAIS:

[INSTAGRAM](#)

[FACEBOOK](#)